

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

GABRIELLA ELAINE FAGUNDES DE CARVALHO

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: entre o silenciamento
e a vigilância**

Campinas
2009

GABRIELLA ELAINE FAGUNDES DE CARVALHO

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: entre o silenciamento
e a vigilância**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Helena Altmann

Campinas
2009

GABRIELLA ELAINE FAGUNDES DE CARVALHO

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
entre o silenciamento e a vigilância**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física defendido por Gabriella Elaine Fagundes de Carvalho aprovado pela Comissão julgadora em: 23/11/2009

Helena Altmann
Orientadora

Cláudia Maria Ribeiro
Banca examinadora

Campinas
2009

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, sem Ele nada é possível
A minha mãe Maria por não desistir das batalhas
As minhas irmãs, Dani e Tati, pelo amor e apoio
Ao meu marido Helder, por fazer meus dias cada vez melhores
Aos meus Bispos Valéria e Paulo Petrizi e meus pastores Samara e Nobuyuki Hayashida por
me ensinarem o dom de servir e amar
A Igreja Batista Vida Nova, minha casa aqui na terra
A minha orientadora Helena Altmann pela paciência e inspiração
A minha banca Cláudia Ribeiro pela disponibilidade e conselhos
Aos meus amigos pelos conselhos e ajuda
Amo todos vocês!

Agradecimentos

“Buscai, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua Justiça e todas as demais coisas vos serão acrescentadas.”

Mateus 6:33

Agradeço a Deus, único merecedor das minhas palavras, por me dar vida e me mostrar que todo sacrifício vale a pena.

Agradeço a Deus, que em tudo por mim trabalha e me deu sensibilidade para olhar as crianças e enxergar nelas além daquilo que homem vê.

Agradeço a Deus, que abriu todas as portas por onde entrei e segurou minha mão durante todo o caminhar, por amor a mim.

Agradeço a Deus, que por me amar tanto não desistiu de entregar seu único filho por mim, Jesus.

Agradeço a Deus, por me ensinar a amar todas as vidas e ver em cada uma delas uma segunda chance.

Agradeço a Deus, por abençoar todo trabalho das minhas mãos, pois sabe que tenho mãos limpas que podem ser levantadas ao céu para adorá-LO.

Agradeço a Deus pelas pessoas que pôs no meu caminho e me ajudaram a trilhar e realizar os meus sonhos, como este trabalho.

Agradeço a Deus, porque d'Ele e por Ele são todas as coisas!

Gabriella

Carvalho, Gabriella E. F. **Sexualidade na Educação Infantil:** entre o silenciamento e a vigilância. 2009. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

A sexualidade infantil desperta interesse e diferentes manifestações. Muitas são as dúvidas de como agir, como trabalhar com o assunto quando se trata de crianças pequenas. Porém, entendendo-se ser um direito da criança se conhecer e poder desenvolver-se num ambiente que proporcione a mesma liberdade para expressar sua sexualidade, a presente pesquisa buscou observar as respostas dadas em uma escola acerca das manifestações sexuais das crianças pelo corpo escolar. Esta pesquisa foi realizada como trabalho de conclusão de curso e se deu em uma CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), localizado no município de Campinas. Os trabalhos desenvolvidos nestes centros são feitos por profissionais formados (as) em Pedagogia (quando professor (a)) e outros que têm desde Ensino Fundamental à Graduações. Durante o período de pesquisa, ao longo do ano de 2009, foram observadas as rotinas de duas salas a fim de que se pudesse perceber como questões sobre sexualidade são manifestas pelas crianças e como assim são abordadas pelos adultos (professoras e monitores). As observações se deram nos diferentes espaços escolares e a partir delas foram discutidas as diferentes abordagens pedagógicas, sejam elas através de atividades, jogos, brincadeiras ou mesmo através das falas. Assim buscou-se perceber o quanto as práticas escolares acerca da sexualidade infantil precisam ser repensadas, mas primeiramente precisam ser percebidas e valorizadas no ambiente escolar.

Palavras-Chaves: sexualidade, educação infantil, gênero.

Carvalho, Gabriella E. F. **Sexuality in Childhood Education: between the silencing and vigilance.** 2009. 69f Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

Infantile sexuality arouses interest and different manifestations. There are many doubts on how to act, how to work with the subject when it comes to children. However, the understanding being a child's right to know and be able to develop an environment that provides the same freedom to express their sexuality, this research sought to examine the replies given in a school about the sexual expression of children by the school body. This research was carried out as work on the completion of the course and was in a CEMEI (Municipal Center of Early Childhood Education), located in Campinas. The work of these centers are made by trained professionals (as) in Education (when a teacher) and others who have since the Elementary Grades. During the research period, during the year 2009, we observed the routines of two rooms so that you could see how issues of sexuality are manifested by children and as such are covered by adults (teachers and coaches). The observations were found in the various school spaces and from them were discussed the different pedagogical approaches, whether through activities, games, jokes or even through the words. So we tried to see how school practices about child sexuality need to be rethought, but first have to be noticed and valued in the school environment.

Keywords: sexuality, childhood education, gender.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AG	Agrupamento
CEMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EF	Educação Física
EI	Educação Infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
FEF	Faculdade de Educação Física
GEM	Grupos de Formação de Monitores
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
UE	Unidade Escolar

SUMÁRIO

1 Introdução	10
2 Metodologia	13
2.1 A escola e os espaços	14
2.2 A rotina	15
2.3 A organização dos agrupamentos	17
3 Dilemas do cotidiano escolar.....	19
3.1 Um tema difícil de ser abordado	19
3.2 Espaço Físico Escolar e Sexualidade	23
3.2.1 Os banheiros	25
3.2.2 O refeitório	29
3.2.3 Os corredores	30
3.2.4 O parque	30
3.2.5 As salas	34
Considerações finais	39
Referências Bibliográficas	41
Anexos	44

1 Introdução

A pesquisa sobre a relação entre educador (a)¹ e crianças quanto às questões que envolvem a sexualidade dentro de uma escola de Educação Infantil (EI) surgiu de uma dificuldade pessoal em resolver questões da prática, não só com as crianças, mas também com os adultos da escola.

Em 2007, comecei a trabalhar como monitora numa EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) através de um processo seletivo da Prefeitura de Campinas. Apesar de alguma experiência, muitas indagações foram surgindo e, enquanto graduanda em Educação Física (EF), busquei me encontrar no espaço escolar. No ano de 2009 entrei como concursada no mesmo cargo, hoje chamado de Agente de Educação Infantil. Atualmente estou numa CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) localizada num bairro periférico do município, na zona Sudoeste, onde realizei minha pesquisa.

O despreparo pessoal quanto à sexualidade infantil veio à priori da falta de conhecimento quanto às manifestações biológicas, emocionais, sociais, entre outras, demonstradas pelas crianças, depois se ampliou quando foram surgindo questões ligadas à corporeidade, gênero e sexualidade, questões as quais não esperava encontrar num ambiente predominado por crianças.

Ao longo dos anos em que trabalhei, deparei-me com situações em que não sabia que atitude tomar e percebi que os demais profissionais que trabalhavam comigo tinham as mesmas dificuldades. As dificuldades se tornaram reflexões diárias que me obrigavam a entender e conhecer melhor os pontos que rodeiam a Educação Infantil. Certa vez uma criança me disse que seu colega havia abaixado sua calça e colocado a mão em sua calcinha. Automaticamente dei uma bronca no menino e o mandei sentar fora da brincadeira. Em momento algum passou pela minha cabeça conversar com ele sobre a situação. Esta foi uma das inúmeras situações que aconteceram e que eu não soube como agir. A necessidade de se discutir as atitudes pedagógicas empregadas frente às situações que envolvem ações que evidenciam relações com a sexualidade das crianças numa escola de EI tornaram-se uma necessidade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) afirma que

¹ O termo educador (a) será usado ao longo do texto a fim de facilitar a escrita remetendo-se tanto a professor (a) como monitores (as).

“A reação dos adultos às explorações da criança de seu próprio corpo e aos jogos sexuais com outras crianças lhe fornecem parâmetros sobre o modo como é vista a sua busca de prazer. Esse contexto influencia seus comportamentos atuais e a composição de sua vida psíquica. A recepção dos adultos as suas explorações ou perguntas ligadas à sexualidade podem suscitar diferentes reações, desde atitudes de provocação e exibicionismo até atitudes de extremo retraimento e culpa”. p.18

Isso fez com que eu percebesse que muitas vezes a organização do trabalho sobre sexualidade é trabalhada em forma de orientação. Orientar sobre o que os adultos pensam ser correto e ao longo da vida escolar esta orientação alia-se a uma preocupação governamental mais voltada para o controle de natalidade e de doenças sexualmente transmissíveis do que para discussão da sexualidade de uma forma mais ampla.

Ana Maria Faccioli de Camargo e Cláudia Ribeiro (1999) trazem relatos de educadoras que se viram em meio a estas dúvidas acerca da sexualidade infantil e demonstram a importância de se trabalhar o assunto como tema transversal. As autoras atentam para a necessidade de se compreender o desenvolvimento infantil para se saber como trabalhar a educação sexual com as crianças e também o quanto as mesmas conseguem abstrair. No apanhado dos relatos percebemos a importância de se problematizar as questões trazidas pelas crianças e pelos adultos nos cursos de formação dos educadores (as), tanto graduação como formação permanente.

A maior parte da equipe escolar que trabalha na escola pesquisada não necessita ter curso de graduação em Pedagogia, então é disseminada uma idéia de que alguns temas e conceitos só devam ser trabalhados pelas professoras². Isso faz com que muitas vezes as crianças fiquem a mercê de opiniões pautadas em vivências pessoais dos adultos quando tais assuntos são manifestados. As professoras por sua vez, também na grande maioria, não sabem como lidar com estas questões de sexualidade infantil por estas não serem vistas na graduação ou em cursos de formação permanente, como relatado pelos mesmos.

“Eu também não tive nenhuma disciplina na Unicamp. As poucas vezes que tive foi como temas de trabalho, fizemos seminário. E a informação que nós temos é que é necessário trabalhar a sexualidade com naturalidade, não reagir de forma estrondosa quando a criança trazer informações de casa. Mas nada de específico. Que tenha dado um norte de como trabalhar com isso”. Roberta, professora

² Na escola pesquisada só havia professoras, por isso o termo será usado no feminino.

Segundo Michel Foucault (1997, apud Altmann, 2001) “a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder”.

Jeffrey Weeks (2003) nos traz que a sexualidade, embora sendo suportada por um corpo biológico, precisa ser considerada como uma construção social, uma invenção histórica, pois o conceito e a importância que lhe é atribuída são construídos em situações sociais concretas. Ainda traz que a sexualidade é apresentada como verdade categórica sobre nós mesmos e sobre nossos corpos e que ao invés disso, ela nos mostra algo mais sobre a verdade da nossa cultura.

A sexualidade na EI é uma questão de extrema relevância, uma vez que tal fase da Educação caracteriza-se, entre outros, por um momento de descoberta, desenvolvimento e indagações. Minha experiência pessoal como monitora em escolas de EI corrobora uma questão apontada também por outras pesquisas (Souza, 1995; Altmann, 2001, etc.): a sexualidade, freqüentemente trabalhada com as crianças a partir de uma perspectiva biológica, deve ser vista também sob uma perspectiva histórico-social.

Diante de fatos vistos e reflexões feitas na graduação do curso de Educação Física, o objetivo monográfico é de identificar como é feita a intervenção escolar sobre questões ligadas à sexualidade e se são desenvolvidos trabalhos, atividades e/ou projetos para responder às inquietações trazidas pelas crianças.

A justificativa da pesquisa baseia-se na tentativa de garantir às crianças uma possibilidade de desenvolver-se e se conhecer quanto à sua sexualidade, de maneira que o professor possa ajudá-la em tal tarefa, além de instigar uma formação de educadores (as) que saibam abordar o tema.

2 Metodologia

A pesquisa foi feita em uma escola de Educação Infantil localizada num bairro da periferia da cidade de Campinas. As escolas municipais de Educação Infantil são divididas por zonas e esta faz parte da Zona Sudoeste. A escolha da escola foi feita devido à facilidade de acesso a mesma por ser meu local de trabalho, a CEMEI. Também foram usadas minhas observações e experiências em duas outras escolas em que trabalhei, uma de educação não-formal e uma EMEI, ambas no município de Campinas.

A escola observada atende crianças de quatro meses a seis anos. As salas que funcionam em tempo integral (11 horas) comportam 36 alunos, com uma professora no período da manhã e três monitores (as) e no período da tarde três monitores (as) sem professor. A frequência média é de 32 crianças.

As salas de período parcial (quatro horas) comportam 30 crianças e a frequência média é de 30 quase sempre. As professoras não possuem monitores (as). É subentendido que as crianças nestas salas são mais independentes e por isso não há monitores para auxiliar o professor.

As crianças são predispostas nos períodos (parcial ou integral) por faixa etária. Acima de três anos completos até fevereiro do ano de ingresso começam a frequentar as salas de parcial.

Foram escolhidas duas salas (uma de período integral e uma de parcial) e as observações se deram ao longo do ano de 2009, acompanhando toda a rotina, dependendo da disponibilidade de horário de ambas as partes. Foram feitos relatos das observações. De modo a compreender as intervenções escolares sobre esse tema, também foram feitas cinco entrevistas com o corpo docente da escola (diretor, duas professoras, um monitor e uma monitora). Os nomes nas entrevistas são fictícios para preservar os (as) entrevistados (as).

As entrevistas tiveram papel fundamental para que as hipóteses por mim levantadas fossem melhor discutidas.

As falas dos educadores evidenciaram, em diferentes momentos, não só nas entrevistas, mas também nas observações, as experiências de crianças que se atreveram a expressar sua sexualidade de forma mais evidente e por isso tornaram-se alvo imediato de redobrada vigilância, ficando “marcadas” como figuras desviantes do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar.

Em uma das entrevistas Laura diz que *“a impressão que a gente tem é que a criança sabe que está fazendo algo que não é correto”*. Como a criança sabe que não é correto? Por ter sido constrangida ao ter determinada ação ou por ter sido explicado, trabalhado o assunto? Ainda assim quem define o que esse “correto”?

Estas questões evidenciaram um silenciamento por parte dos adultos em se trabalhar o tema e também a vigilância que as crianças vivem no seu cotidiano.

Buscou-se ainda observar, além das abordagens espontâneas por parte da equipe escolar, quais as respostas dadas pelos (as) educadores (as) às perguntas ou manifestações acerca do tema pelas crianças, desde respostas verbais a respostas que envolvam atividades, jogos, experiências, construídos com ou sem materiais dentro das situações específicas. As observações foram analisadas nos diferentes espaços a fim de facilitar o trabalho.

Foi feito um trabalho de observação e discussão com a bibliografia escolhida para que futuramente possa ser usado na formulação de atividades para o desenvolvimento do tema na escola, já que a mesma pediu retorno da pesquisa em forma de atividades³.

2.1 A escola e os espaços

“Os espaços físicos refletem a cultura, a concepção de educação, de infância e a importância que cada ação que contempla a educação e a unidade, ou melhor, quem comanda as unidades escolares possuem”.

Gisela Wajskop (1995)

O prédio escolar tem 27 anos. Quase nada de sua arquitetura foi mudada a não ser a construção de duas salas e um parque.

É uma escola grande com muitas árvores, que proporcionam muita área verde, flores, sombra e frescor para os dias quentes. Porém, por ser um prédio antigo apresenta muitos problemas elétricos, hidráulicos (as torneiras de dois banheiros e do refeitório quase não saem água), além da falta de muitos materiais pedagógicos.

São um total de nove salas, para acomodar 13 turmas nos diferentes períodos, um refeitório, três parques (um interno e dois externos), quatro banheiros (dois

³ Todas as sugestões, críticas, elogios e opiniões expressas neste trabalho, pautam-se nas observações de duas salas e não da escola como um todo.

femininos e dois masculinos), três banheiros de funcionários (as), duas cozinhas (uma da creche e outra de funcionários (as)), uma lavanderia, uma casa de bonecas, uma biblioteca/sala de vídeo, uma sala de diretoria/ recepção e uma horta.

A escola tem cerca de 400 crianças matriculadas. O número de crianças é muito grande para os espaços existentes na escola, mas se vê o esforço da escola para usá-los da melhor forma possível.

2.2 A rotina

A escola segue uma rotina organizada no começo de cada ano letivo buscando atender a demanda de crianças, o número de salas e a organização para utilização dos espaços comuns.

As salas de período integral adotam a seguinte rotina:

- 7h – 7h15 – Entrada
- 7h15 – 7h30 – Brinquedos ou DVD
- 7h30 – 8h – Roda de conversa
- 8h – 8 h10 – Higiene
- 8h10 – 8h30 – Café da Manhã
- 8h30 – 9h – Atividades nos cantinhos
- 9h – 9h30 – Parque
- 9h30 – 10h – Atividades nos cantinhos
- 10h – 10h10 – Higiene
- 10h10 – 10h30 – Almoço
- 10h30 – 11h – Higiene, troca de roupa e preparação para dormir
- 11h – 13h30 – Horário de descanso das crianças (sono)
- 13h30 – 13h50 – Colocação de calçados, organização da sala e higiene
- 13h50 – 14h10 – Lanche da tarde
- 14h10 – 14h40 – Atividades nos cantinhos
- 14h40 – 15h10 – Parque
- 15h10 – 15h30 – Brinquedos, brincadeiras em sala
- 15h30 – 15h50 – Contação de história / DVD e higiene
- 15h50 – 16h10 – Jantar
- 16h10 – 16h30 – Troca de roupa das crianças

- 16h30 – 18h – Saída das crianças (enquanto não vão embora assistem TV, brincam de jogos, conversam, etc.)

As salas de período parcial se organizam da seguinte maneira:

- 13h – 13h15 – Entrada
- 13h15 – 13h30 – Roda de conversa
- 13h30 – 13h50 – Lanche
- 13h50 – 14h20 – Atividade nos cantinhos
- 14h20 – 14h50 – Parque
- 14h50 – 15h – Higiene
- 15h – 15h30 – Atividades nos cantinhos
- 15h30 – 15h50 – Jantar
- 15h50 – 16h15 – Atividades em sala
- 16h15 – 17h – Saída (as crianças ficam com jogos, TV etc.)

A rotina, como na maior parte das escolas de EI, possui horários fixos e flexíveis. Ela é uma seqüência de diferentes atividades que acontecem no dia-a-dia da escola e é esse encadeamento que possibilitará que a criança tenha um norte na relação tempo-espço e se desenvolva. Renata Gonçalves afirma que *“uma rotina adequada é um instrumento construtivo para a criança, pois permite que ela estruture sua independência e autonomia, além de estimular a sua socialização”*. Disponível em: www.monografias.br/brasilecola.com/pedagogia/a-rotina.htm. Acesso em 10/08/2009.

Maria Barbosa (2000), em sua tese, traz reflexões importantes acerca da rotina, entre elas que, a rotina deve desenvolver uma vida cotidiana alegre, saudável, interessante e não uma vida rotinizada, monótona, repetitiva. Afirma ainda que exista um tempo de repetição sim e que alguns desses momentos de repetição, até determinado ponto, são muito importantes, são constitutivos do sujeito para que ele se organize.

À primeira vista, a rotina parece tediosa, pensando que as crianças têm que fazer as mesmas coisas todos os dias. Com exceção de alguns horários, pode-se perceber que a diária repetição só se torna tediosa quando as crianças não conseguem mais ver significado para suas ações, quando a repetição serve de escape para o trabalho docente. Além disso, a própria organização da escola exige que se tenha uma rotina, devido à escassez de espaços e o número de alunos que pertencem à escola. A rotina é fortemente organizada pensando-se

basicamente em dois espaços, a cozinha e o parque. Como são muitas refeições e muitas salas para comer e ir ao parque é quase impossível não ter horários pré-estipulados para outras atividades a fim de que não se percam os dois primeiros.

A Proposta Curricular da Educação Básica Educação Infantil (Secretaria Municipal de Educação, 2009), entregue as escolas de Educação Infantil do município de Campinas, diz que se considera que a EI tem uma organização flexível, na medida do possível nos tempos coletivos, buscando-se criativamente atender sempre as necessidades da criança. Desta forma não se acorda uma criança que está dormindo para alimentar-se e nem tampouco se faz dormir uma criança que está desperta para brincar, apenas porque é “hora de dormir”. Ainda, destaca-se que foram abolidos os horários de “peniquinhos” logo após o lanche.

Na prática, nem tudo isso ocorre, pois a escola não possui espaço físico nem tampouco profissionais para garantir as crianças estas “regalias”.

2.3 A organização dos agrupamentos

A EI no município de Campinas organiza suas salas por agrupamento (AG), antes era organizada somente por critério de idade. A resolução nº13/2004 da Secretaria Municipal de Educação instituiu os agrupamentos multietários nas unidades de EI de Campinas a fim de diminuir as listas de espera por vagas existentes nas escolas do município.

Esta reorganização possibilitou que, em uma mesma sala, crianças com diferentes idades estivessem presentes. Ficou estabelecido:

- Agrupamento I (berçário I e II) crianças de quatro meses a um ano e meio completos ou a completar até dezembro do ano letivo.
- Agrupamento II (maternal I e II) crianças de um ano e meio a três anos completos ou a completar até dezembro do ano letivo.
- Agrupamento III (maternal III, infantil e pré) crianças com três, quatro, cinco e seis anos completos ou a completar até dezembro do ano letivo.

Oficialmente, o atendimento dos agrupamentos I e II é realizado pelos CEMEIs e dos agrupamentos III pelas EMEIs. Porém, na prática, vemos que muitas escolas atendem a todos os agrupamentos, como a escola observada.

Esta reorganização fez com que a lista de espera fosse reduzida, mas não eliminada. Na escola observada, a CEMEI, há uma grande lista de espera por vagas, principalmente berçário.

Diante da reorganização, os profissionais tiveram momentos de desespero, pois não estavam preparados para trabalhar com os agrupamentos. Este despreparo fez com que muitas escolas mantivessem o formato antigo, porém, sob a forma de agrupamento.

Não só os profissionais não estavam preparados como a escola também não. Os espaços físicos das unidades escolares não são adequados para o desenvolvimento correto de atividades para agrupamentos multietários e conseqüentemente, desenvolvimento da rotina.

As crianças de diferentes faixas etárias têm dificuldade em aproveitar todos os espaços, uma vez que os profissionais que ali estão não foram preparados para isso. Os problemas giram em torno do parque que possui brinquedos muito grandes para uns e muito pequenos para outros, a solução quase sempre é proibir o uso de alguns, também há dificuldade no desenvolver de algumas atividades que exigem cognitivamente mais de uns e de outros... em uma mesma sala há crianças que sabem identificar letras e outras que nem sequer falam.

Em uma das entrevistas, um monitor (Mauro) disse não encontrar dificuldades para trabalhar com as crianças. Por isso é importante lembrar-se das exceções que sempre existem.

Roberta ao ser questionada sobre a questão do agrupamento afirma que

“as crianças pequenas se desenvolvem muito rápido e criam uma autonomia muito legal. Porque no contato que elas têm com as crianças mais velhas elas aprendem coisas que elas só aprenderiam mais tarde, mas eu percebi que elas se desenvolvem rápido”.

Não estou dizendo aqui que a mistura de idades impossibilite o trabalho, mas sim que a falta de preparo o faz.

3 Dilemas do cotidiano escolar

*“... se antes de cada ato nosso,
 nos puséssemos prever todas as conseqüências dele,
 a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as possíveis, depois
 as imagináveis,
 não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito
 parar”.*
 José Saramago. “Ensaio sobre a cegueira”.

3.1 Um tema difícil de ser abordado

Pôde-se perceber, ao longo da pesquisa, a dificuldade da escola em lidar com questões ligadas à sexualidade. Refletir e problematizar algumas ações cotidianas contribui para desnaturalizar conceitos pré-existentes na escola acerca da sexualidade. As questões sobre sexualidade estão presentes constantemente em todos os espaços, mas o que ocorre é que estas foram tão normalizadas por conceitos sociais que ora não são percebidas pelos profissionais que atuam na escola, ora são desconsideradas ou negadas.

A pesquisa desenvolvida mostra um constante silenciamento e ocultamento da sexualidade na educação infantil. Estratégias são adotadas de modo a nem mesmo permitir que questões ligadas à sexualidade manifestem-se no cotidiano escolar. Em uma das turmas pesquisada, todos os bonecos e bonecas com órgãos sexuais foram retirados da sala, pois as crianças gostavam de olhá-los, tocá-los e mostrá-los, o que era visto como inadequado a faixa etária. Outro exemplo refere-se ao uso da gangorra no parque. Como ela é grande e pesada para ser utilizada por apenas duas crianças, uma de cada lado, passou a ser utilizada por várias crianças simultaneamente, de modo que o peso de várias delas fosse suficiente para fazê-la pender de um lado e de outro. Após algum tempo, o uso da gangorra tornou-se proibido, porque as crianças sentavam-se com as pernas abertas, uma atrás da outra. Isso passou a não ser bem visto, principalmente depois que um menino, que é visto como “safadinho”⁴, passou a querer sentar só atrás das meninas. A estratégia de evitar que a sexualidade apareça na escola é recorrente, demonstrando, por um lado a crença de que sexualidade não diz respeito à infância e, por outro, a dificuldade de agir perante essas situações.

Em reunião com a equipe pedagógica, da qual participei, foi discutido um texto que compõe a proposta curricular do município para educação infantil, enviado pela

⁴ O termo *safadinho (a)* é usado algumas vezes por ser assim também na fala dos (as) educadores (as) para se referir a uma criança que entendem ter atitudes relacionadas a sua sexualidade precocemente.

prefeitura de Campinas, que questionava acerca da linguagem do corpo e este destacava os procedimentos tomados pelos educadores sobre a mesma (Secretaria Municipal de Educação, 2009).

Em uma das páginas do documento, afirma-se que

“mesmo que a sociedade diga o contrário o tempo todo, reproduzindo e demarcando limites de movimento e expressão corporal para homens e mulheres, na educação infantil faz parte da agenda do dia garantir que todas as crianças se movimentem nas brincadeiras e em todos os momentos com infinitas possibilidades de manifestar-se corporalmente. (...) Os abraços, as carícias, os beijos, os sorrisos e olhares trocados entre adultos e crianças são constituintes do trabalho com a linguagem corporal na educação infantil, e se sustentam no desenho de uma atuação profissional emancipatória, intencionalmente pensada para a formação de seres humanos que não separam o corpo da mente e têm a oportunidade de se constituírem como homens e mulheres em relações de não segregação e hierarquização entre os sexos”. (Secretaria Municipal de Educação, 2009 p. 32, 33).

Ao discutir esta questão, todos os (as) educadores (professoras, monitoras e monitores) foram categóricos e unânimes em dizer que, na prática, é outra realidade. As professoras presentes disseram que, mesmo que concordassem com tal conceito, na prática elas reproduziam o estipulado socialmente e, sendo um movimento automático delimitar o que era de menina e o que era de menino. Uma das professoras exemplificou que, ao pegar bonecas para as meninas, sempre pensa o que vai pegar para os meninos. Outra disse que isso era seu obstáculo em se falando de gênero, porque quando é uma questão “mais aprimorada”, referindo-se às questões ligadas à sexualidade, passava por cima da mesma sem saber o que fazer e, completada por muitas outras falas, disse não saber lidar com o assunto.

É por estas e outras falas, ações etc., que se vê na Unidade Escolar (UE) situações de banalização da sexualidade infantil. O despreparo profissional é encoberto não só pelas atitudes dos (as) educadores, mas pela própria Secretaria Municipal de Educação (SME) que descreve um quadro atitudinal que de fato não ocorre.

Mauro em sua entrevista mostra que até entre os (as) educadores (as) quando há uma exceção, como ele, no modo de ver a sexualidade infantil também há divergências.

“Eu sempre estimulei os meninos, por exemplo, a brincar de bonecas, onde com esta brincadeira eles estavam imitando um pai cuidando do seu filho... isso a educação infantil de forma bem tímida vem avançando, pois cada vez mais cuidar dos filhos é tanto tarefa da mãe quanto do pai. E nestas brincadeiras os meninos exercitam o cuidado, o zelo com o outro e o respeito. Sem falar que teremos no amanhã homens comprometidos em cuidar de seus filhos e dividir as tarefas domésticas com as mulheres.

No geral, os profissionais que trabalham com crianças, e os pais na maioria das vezes têm resistência e são muito conservadores... os educadores quase não são orientados sobre como trabalhar com as questões da sexualidade... em dois anos tivemos na nossa unidade de educação infantil apenas uma palestra sobre o tema e mesmo a palestra percebia pela cara e depois pelos comentários dos colegas de trabalho que este tema ainda é um tabu”.

Nas observações pude perceber que este monitor tem muitos problemas com a equipe que trabalha por dar abertura às crianças de escolherem o que querem fazer, por ouvir suas opiniões e discutir aquilo que trazem em suas bagagens sociais. O fato de ser do sexo masculino também já lhe trouxe muitos problemas e disse que em certo momento foi proibido de levar meninas ao banheiro ou trocá-las de roupa, pois as monitoras e professora de sua sala não gostavam do modo carinhoso que tratava as meninas.

Isso demonstra o preconceito ainda existente para com aqueles que escolherem uma profissão que transgride o pré-estipulado, e vemos isso pelo contraste entre o número de homens e mulheres dentro das escolas de Educação Infantil.⁵

Deborah Sayão (2002) a respeito da presença masculina na Educação Infantil explica que

“a polêmica do trabalho docente masculino em creches se inscreve desta maneira porque historicamente, os cuidados, e eu incluo também a educação das crianças pequenas vem sendo, em grande parte das culturas, uma atribuição do universo feminino carregando assim, as marcas culturais da maternagem⁶, ou seja, as marcas culturais do feminino” p.2

Foi ainda discutido na reunião a dificuldade que os profissionais têm de separar aquilo que vivenciaram e acreditam, a fim de proporcionar à criança a descoberta e a liberdade de experimentação. Uma monitora citou que já havia presenciado em seus 20 anos de trabalho algumas situações de abuso sexual com crianças, por isso ela evita alguns contatos entre algumas crianças para que os mesmo não instiguem outros incidentes. Assim, um garoto mais “safadinho” não é colocado para dormir ao lado de uma menina também “safadinha”. A fala da monitora foi completada por muitas outras e concordada por outras tantas.

A esse respeito, Camargo e Ribeiro (1999) afirmam que, muitas vezes, a infância é traduzida na voz do adulto e de acordo com o que pensa, sente, vivencia. Isso faz com que muitas de suas ações neguem a sexualidade infantil. Apesar de nunca ter presenciado nenhuma discussão sobre o assunto nas reuniões com a coordenação pedagógica, a posição

⁵ Foram muitos os relatos e observações sobre o preconceito existente na escola devido à presença masculina, mas não discutirei no presente trabalho.

⁶ O vocábulo maternagem é uma tentativa de tradução para a Língua Portuguesa da palavra inglesa *mothering*. Ela tenta articular os aspectos socioculturais da maternidade com as dimensões biológicas da reprodução.

dessa é de que devamos ler e conhecer melhor as questões de gênero e sexualidade, buscando uma ruptura com uma visão de infância constantemente tutelada pelo adulto. Assim, se por um lado a coordenação pedagógica incentiva verbalmente a equipe pedagógica a buscar formação na temática do gênero e da sexualidade, por outro, não coloca esses temas em discussão nas reuniões destinadas a formação da equipe. Percebe-se que, também a coordenação acaba produzindo o silenciamento do tema na escola, transferindo a responsabilidade ao âmbito individual, sem abordá-la coletivamente.

Apesar dos avanços, uma ruptura com a visão de infância assexuada e tutelada pelos adultos ainda não ocorreu. Através da fala das monitoras, vemos que isso ainda está longe de acontecer, pois as mesmas disseram que “já estão muito velhas para estudar”. Além disso, as professoras alegam falta de incentivo, sendo os cursos de formação permanente oferecidos em horários inconvenientes, em locais de difícil acesso e poucas vagas. Embora a prefeitura ofereça cursos diversificados de formação continuada, nem sempre as vagas são totalmente preenchidas, o que, ao menos em parte pode ser explicado pelas dificuldades de deslocamento para a realização dos mesmos.

Os dilemas e desafios que o cotidiano escolar apresenta vão assim sendo mascarados por falas e atitudes que cada vez mais fortificam e naturalizam conceitos arcaicos sobre a sexualidade infantil. A naturalização vai se fortalecendo por todos os lados e em cadeia, desde o governo municipal até os educadores em sala, sendo a sexualidade assim silenciada no âmbito escolar.

Foi possível perceber que a falta de formação, de conhecimento quanto ao assunto dificulta, em muito, as atitudes que a escola tem frente ao assunto. A percepção dos (as) educadores (as) sobre o assunto é pautada por diferentes vertentes, como diferentes visões, crenças, tabus, e valores das crianças, educadores, equipe pedagógica e demais funcionários (as).

“Outra questão que é importante levantar é com relação aos companheiros e companheiras de trabalho, como cada um tem uma formação, cada um tem uma visão de mundo, é natural que os conflitos apareçam... No começo do ano letivo como há um rodízio de equipes os conflitos são constantes, até brincava às vezes que a maior dificuldade no trabalho não era com relação às crianças e sim com os adultos, mas este conflito sempre me gerava aprendizagem e tolerância”. Mauro, monitor.

“Outra dificuldade é de formação humana e diferentes valores, de modo que alguns momentos torna-se difícil conciliar as diferentes formações, com trabalhos diferentes e uma proposta pedagógica que unifique e respeite cada setor de trabalho com suas especificidades”. Daniel, diretor

A exigência que os (as) educadores (as) se fazem do papel que exercem limita muito de suas ações. Eles se vêem como aqueles que precisam explicar tudo de forma que não se vejam em atrito com nenhuma das partes que compõem a escola, desde o bebê ao supervisor da escola. Isso faz com que muitas vezes ocultem, ignorem e fujam dos questionamentos infantis.

Os (as) educadores (as) têm consciência de muitos aspectos importantes, como as crianças serem seres com vontades, que podem aprender e ensinar muitas coisas, entendem que são sujeitos-históricos, porém não as tratam assim na prática. Apesar de haver muitos momentos em que a visão da criança é respeitada, ainda se têm muita dificuldade de respeitar as diferentes visões e isso faz com que, no fim, todas elas se transformem na visão do adulto. Em seus discursos pode-se perceber que por vezes apesar de crerem em algumas atitudes, na prática fazem outra.

Roberta, em sua entrevista diz

“Então, quando aparece, eu tento tratar da melhor maneira possível. De uma forma natural. Então assim... existe? Existe. Existe o namoro, existe o beijo, existe o deitar junto na cama porque eles falam... só que isto depois que eles forem adultos... eu tento resgatar as fases da vida. Porque agora não é uma fase pra isso, digo que vai ter uma hora que isso vai acontecer naturalmente. É isso.”

Que fase é essa? As crianças sabem que tais situações acontecem, mas o que elas precisam entender é que não chegou a hora de terem explicações?

Pude perceber o desconforto que sentiram os (as) educadores (as) quando confrontados devido às atitudes ou falas que tiveram. Muitos foram os olhares cabisbaixos, pensativos, mas também foram muitos os improvisos para justificarem seus discursos.

“Ao buscar as causas sociais e culturais das diferenças entre meninos e meninas encontraremos suas origens em pequenos gestos cotidianos, que chegam a nos passar despercebido, em reações automáticas que repetimos sem ter consciência do seu significado, porque os interiorizamos no processo educacional. São preconceitos que não resistem à razão, nem aos novos tempos e que continuamos a considerar como verdades intocáveis, nos costumes e nas regras inflexíveis. O modo como meninos e meninas estão sendo educados pode contribuir para se tornarem mais completos e ou para limitar suas iniciativas e suas aspirações. Sem uma plena equidade social, jamais poderemos saber quais são essas possibilidades” (Finco 2007, p. 10).

3.2 Espaço Físico Escolar e sexualidade

Segundo Ana Lúcia Goulart de Faria e Marina Silveira Palhares (1999) o espaço físico e o modo como é organizado resulta sempre das idéias, opções, dos saberes das

peças que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para a criança traduz a cultura da infância, a imagem de criança construída pelos adultos que o organizam, sendo uma poderosa mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças. Como dito pelo diretor da escola durante uma reunião, o espaço da escola hoje é organizado na visão dos adultos, de forma a facilitar o trabalho dos mesmos e não pelo olhar da criança, que é pouco levado em conta na sua estruturação, sendo agravado pela falta de espaço físico adequado.

A arquitetura do prédio da CEMEI não valoriza todo o espaço livre como método de aprendizagem. Apropriando-se da descrição de Juárez Dayrell (1997) pode-se ver que os muros demarcam claramente a transição entre duas realidades: o mundo escolar, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar e o mundo lá fora. A maior parte da escola é pensada para uma locomoção rápida, contribuindo para a disciplinação e nenhum local, além da sala de aula, é pensado para atividades pedagógicas. As atividades tidas como pedagógicas são desenvolvidas, quase que exclusivamente, nas chamadas salas de aula.

Os corredores formam labirintos que mais servem para mostrar o caminho que devem andar do que proporcionar que as crianças achem os caminhos. Por serem muito pequenas não enxergam nada através dos vidros localizados nos muros dos corredores. O único espaço em que as crianças podem se sentir mais livres, sem nada afunilando onde podem ir, é o parque, que ainda assim é cercado por alambrados.

Há muito que se espera uma reforma na escola, porém as burocracias tardam a fazê-la acontecer. A falta de infra-estrutura é um dos motivos dados pelos (as) profissionais para o não aproveitamento dos espaços, o que, aliado a uma falta de sensibilidade no olhar, os têm impedido de enxergar outras formas de usá-los.

São nos espaços como banheiros, refeitório, parques, corredores e, raramente nas salas, que as crianças se encontram com as outras turmas. Os espaços também demarcam muitos dos comportamentos das mesmas. Alguns espaços são para se “libertar” (parque), outros para ficar quieto (refeitório, sala), outros para “andar” (corredores), outros para realizar atividades (sala) etc. As crianças parecem ter diferentes personalidades nos diferentes espaços por já terem incorporado normas de comportamento e de disciplina, que são cumpridas pela grande maioria por conhecerem as conseqüências trazidas pelas transgressões.

Segundo Foucault (1996), entre as diversas instituições que seguem o modelo de Panóptico⁷, a escola é uma destas. A necessidade de controle e constante monitoramento dos indivíduos, tanto adultos como crianças, se transforma na possibilidade de corrigir o errado e reorientá-los na direção estipulada por este modelo.

Infelizmente a quebra destes conceitos ainda não aconteceu, uma vez que a maioria das construções escolares públicas são sempre antigas e desprovidas de reformas. Abaixo foram analisados alguns dos espaços escolares onde a manifestação da sexualidade foi mais visível.

3.2.1 Os banheiros

Os banheiros são divididos em femininos e masculinos, mas a fim de facilitar o trabalho e devido ao número de crianças, alguns agrupamentos os usam indiferentemente. Somente os agrupamentos III, onde as crianças são mais velhas (entre três e seis anos), os usam conforme o sexo. Percebe-se aí a idéia de que, com o aumento da idade, torna-se necessária a separação de meninos e meninas em espaços onde o corpo fica exposto. Se, enquanto pequenos, ser visto e ver o corpo nu é algo aceito, à medida que vão crescendo a visibilidade do corpo perante o outro sexo vai sendo mais cerceada.

Laura em sua entrevista afirma que *“quanto a ir ao banheiro eu acho que desde cedo você deve ensiná-los a ir ao banheiro feminino e ao masculino”*. Ao término da entrevista disse que esta separação é necessária para que desde cedo comecem a respeitar o corpo do outro e que a criança não deve ficar vendo o (a) colega nu, porém, contraditoriamente, troca a roupa das crianças no mesmo ambiente.

Todos os banheiros, sem exceção, apresentam problemas elétricos e hidráulicos, o que é utilizado como justificativa para que os momentos ali ocorram de maneira rápida e prática. Lavar as mãos, usar papel higiênico, tomar um banho corretamente depende muito do dia, das condições e do profissional.

Por outro lado, a recorrente rapidez no uso desse espaço também evidencia mais uma forma de ocultar o corpo, o desejo de conhecê-lo e os possíveis prazeres ligados a ele. O banho, por exemplo, é apenas uma ação de limpeza para aquelas crianças que evacuem na escola.

⁷ Segundo Foucault, ao final do século XVIII e início do XIX se instaura na Europa o que pode-se chamar de poder panóptico, derivado do Panopticon do jurista britânico Jeremy Bentham. O Panopticon de Bentham é o modelo de um edifício arquitetônico em que idealmente se poderiam vigiar e controlar as ações de todos os delinquentes.

A visibilidade do corpo também é cerceada para as crianças. Elas demonstram neste espaço a curiosidade de ver como o outro é diferente, principalmente entre meninos e meninas. Certa vez, enquanto eu dava banho em um menino, uma menina de três anos ficou parada durante muitos minutos observando e, ao perguntar o que estava olhando tão atentamente, ela respondeu “Ele tem pipi!”. E saiu correndo e rindo.

Em outra ocasião uma monitora, dando banho em um bebê, ao trocá-lo e ver que o mesmo fica brincando com sua genitália, repreendeu-o dizendo “tira a mão daí que é feio”. Tal atitude demonstra uma intervenção repressora diante de uma ação de conhecimento e prazer com o próprio corpo. Muitas vezes a criança percebe que está em situação de constante vigilância e se vê perturbada entre a observação e a vontade de agir.

Laura ao comentar onde as manifestações de sexualidade mais ocorriam disse

“Não tem lugar específico, geralmente acontece no cantinho da sala, porque eles sabem que os adultos não estão enxergando. Aí você vai lá e vê que ela está fazendo algo diferente e quando ela se depara com você olhando ela se assusta. A impressão que a gente tem é que a criança sabe que está fazendo algo que não é correto. É uma coisa proibida. Aí ela procura sair como se nada estivesse acontecendo e fica sempre desconfiada em outro lugar”.

A monitora exemplifica em outra questão a reação de uma criança ao ser “pega” fazendo aquilo que considera errado

“Esse ano nós temos uma criança que costuma ficar sempre mais isolada chupando um dedo e mexendo no pipi com a outra mão. Quando ele vê que a gente está observando ele tira a mão rapidinho. Daí ele dá uma enrolada, mas não consegue se controlar e sempre volta a fazer a mesma coisa”.

As intervenções no banheiro também ocorrem quanto à forma que as crianças, e até mesmo adultos, nomeiam as genitálias. Os diferentes nomes para se referir ao pênis e a vagina são aceitos por uns e reprovados por outro. Muitas vezes foram observadas cenas em que nenhum nome se era usado, simplesmente se dizia “limpa aí” para as meninas ou “guarda logo isso” para os meninos.

Acerca desta questão pode-se ver que há constrangimento, medo e outras desconhecidas razões para o uso das diferentes nomenclaturas. Nas entrevistas as diferentes atitudes tanto de adultos como de crianças pode ser percebido.

“no banheiro isso é mais evidente, onde uma menina tem curiosidade de ver como é o amiguinho, e as meninas a mesma coisa, como alguns banheiros de meninas são separados, as meninas sempre queriam ir ao banheiro dos meninos para ver como era...”. Mauro, monitor

“Eu falo pra eles que é muito mais interessante eles falarem vagina e pênis do que pipi, xiriquita, periquita, pintinho, pombinha... tudo que eles falam... então eu falo o nome certo. Às vezes eles falam muitos nomes... daí quando você fala o nome certo eles falam: “ah isso não pode falar”. Eles acham errado o certo... “vagina não pode falar porque é feio”... então essa uma questão difícil de se trabalhar”. Roberta, professora

“Já tive crianças que chamavam o coleguinha pra ir ao banheiro e quando chegava lá mandava descer a calcinha e começava a mexer na “florzinha” da outra”. (...)

“A gente trabalhava a diferença de menino e menina e falava pra que servia. Dizia que o menino tinha um pênis por onde fazia xixi. A menina tinha a “florzinha”⁸ onde ela fazia xix”i. (...)

“Eu acredito que para a criança não tem problema falar a forma correta. Eu acredito que isso é uma coisa que já vem de casa, pra trabalhar o nome correto precisaria trabalhar com os pais. Alguns geralmente não aceitam você ensinar os nomes corretos, mas eu acho que desde cedo você tem que ensinar o nome correto”. Laura, monitora

A monitora se contradiz ao dizer que se deve ensinar o nome correto, já que em toda a entrevista usou o termo “florzinha” ao invés de vagina. Durante as entrevistas pude perceber constrangimento dos entrevistados (as) ao pronunciarem as palavras pênis, vagina, e seus coloquiais. Vê-se que o silenciamento em relação à sexualidade infantil existe desde o pronunciar o nome das genitálias das crianças.

“Todas as palavras têm efeitos sobre os sujeitos e expressam contingências históricas, entendimentos culturais, costumes e tradições de certas localidades e grupos sociais.

A escola deve trabalhar com a linguagem científica, assim como com a linguagem popular, coloquial, as gírias, as expressões oriundas das famílias, etc. Sob o ponto de vista do aprendizado infantil, reconhecer as diferenças lingüísticas como positivas é um primeiro passo a considerar também como várias outras diferenças”. (Furlani, 2008 p.76)

Muitos outros são os cuidados tomados neste espaço, como, por exemplo, levar primeiro as meninas ao banheiro para que não se sentem nos assentos respingados de xixi caso os meninos fossem antes e para que não haja “bagunça” ao se encontrarem. Às vezes, por falta de tempo ou dependendo do número de crianças, todos e todas são levados juntos.

As meninas mais velhas do AGII quase sempre pedem papel para se limparem, pois os banheiros não possuem papel higiênico ao alcance das crianças, talvez para não desperdiçarem. Quando o papel é esquecido pelos (as) monitores (as), alguns (mas) voltam para buscar e outros (as) dizem a elas que não é necessário. Já as do AGIII têm autonomia de pegar o papel na sala.

⁸ Grifo meu. O grifo é diante da indagação do porquê dizer pênis para os meninos e “florzinha” para as meninas ao invés de vagina.

A professora do AGII observado quase nunca leva as crianças ao banheiro, sempre são os (as) monitores (as) e a mesma fica muito incomodada quando tem que fazê-lo. O incômodo fica entre duas razões, a de ter que dar o banho e o fato de ser professora⁹. Certa vez, ao ter que dar banho em uma criança, disse que não podia, pois não sabia o que fazer. Então me perguntei... Como assim? Como dava banho em seu filho? Mesmo assim acabou indo, tendo esta sido a única vez em que a observei fazendo isso. A mesma relatou que têm certas coisas que ela tem vergonha e não sabe o que fazer. Entre monitores (as) não há constrangimento, exceto com aqueles (as) que são novos (as) na função, mas, de uma forma ou de outra, aprendem rapidamente, pois serão obrigados (as) a isso.

Jimena Fulani (2008) fala sobre a necessidade da participação da professora. “As atividades de higiene corporal devem ser vistas como integrantes do cotidiano escolar. É importante que a professora não apenas direcione, mas faça parte do contexto onde essas atividades serão desenvolvidas” p.112

Alguns detalhes contraditórios ocorrem neste espaço. Os adultos não querem que meninos e meninas fiquem se observando, porém em nenhum dos banheiros da escola existem portas. Como então existir privacidade se não há portas? Por que não há portas?

As portas foram retiradas para que os adultos pudessem “olhar” o que as crianças estão fazendo e evitar que fiquem presas, como relatado por uma monitora. A vigilância é legítima quando realizada por adultos, mas a observação é condenada quando feita pelas próprias crianças.

Adla Teixeira e Ana Elvira Raposo (2006) trazem em sua pesquisa um relato que diz que “segundo entrevista com diretora, embora sua orientação fosse para o banho misto, as educadoras encarregadas de crianças de 4 a 5 anos costumavam organizar atividades para os meninos enquanto as meninas tomavam banho e vice-versa, numa tentativa velada de separação, seguindo o costume de separação dos corpos/sexos”. p.4

Supõe-se que tal separação baseia-se no medo do adulto do despertar a sexualidade, em qualquer idade, pela visão do corpo e dos genitais, medo que se origina, por sua vez, numa concepção de natureza sexual que precisa ser reprimida. Nesse contexto cultural, a visão da sexualidade infantil situa-se na interseção entre a malícia e a ingenuidade da criança: mesmo sendo ingênua ela não é inocente. (Raposo, 1999).

⁹ Na escola observada existem grandes conflitos entre as funções de professora e monitores (as), uma vez que há uma hierarquia entre estes e muitas professora não querem submeter-se ao que consideram função do (a) monitor (a) e vice-versa.

A necessidade de se vigiar o que se faz nos banheiros não é vista por muitos profissionais como errada, uma vez que quando sentem que a criança já pode ir sozinha ao banheiro, pois não vai fazer “nada de errado”, dão a permissão. Em outras palavras, a partir do momento que se considera que uma criança está suficientemente disciplinada para freqüentar sozinha determinados espaços, ela é autorizada a fazê-lo.

A separação dos banheiros por sexo e o modo como se trabalha a higiene das crianças além de reforçar as diferenças de gênero que tanto assombram a EI, também é mais um dos obstáculos para uma educação de promoção social, de diferentes aprendizados como respeito ao outro, limites, conservação do ambiente físico, moral e social, etc.

As crianças na EI enquanto seres em formação de identidade, caracteres morais, sociais, educativos, precisam ser estimuladas em todos os espaços e atividades a se desenvolverem, e enquanto o espaço do banheiro tiver tal irrelevância pedagógica como visto na escola isso continuará a ser um atraso.

3.2.2 O refeitório

O refeitório é para as crianças unicamente o lugar onde fazem refeições, e este só é usado para isso. Também é o momento, assim como o parque, em que elas se encontram com outras turmas. Pude observar que as professoras e monitores (as) buscam mostrar para as crianças que ali devem se comportar, não falar alto, não fazer bagunça, nem brigar. Além do comportamento esperado *socialmente*, as crianças ali aprendem a ter uma alimentação saudável, a dividir, a respeitar o outro e o companheirismo.

Por ser um espaço pequeno que atende a muitas crianças (cerca de 200 em cada período), os horários são apertados e não há tempo para se perder, daí o comportamento dos educadores que a todo tempo controlam as ações das crianças.

Apesar de concordarem que a criança merece ter seu tempo respeitado, principalmente em momentos tão importantes como a refeição, realmente é impossível este respeito devido ao tempo e constituição deste ambiente.

Não foram observadas muitas manifestações de sexualidade neste ambiente, porque a maioria das crianças chega, senta, come e vai embora. 20 minutos é o tempo para cada turma fazer a refeição, incluindo aí sentar-se a mesa, os (as) educadores (as) pegarem o prato já servido e colocá-lo sobre a mesa, comer e retirar os pratos novamente. É claro que muitas vezes o tempo é desrespeitado, mas nas observações nota-se que as crianças estão tão acostumadas a rotina que quase nunca ultrapassam este tempo.

Pode se observar também preferências por determinados assentos. Essa escolha se dá pelas amizades, possibilitando breves conversas e risadas entre uma colherada e outra. Nas últimas semanas de observação, uma aluna do AGII repetia constantemente que ia se casar e dizia sempre a mesma frase: “Eu vou casar (risos) de vestido. Ah cadê meu vestido?”. Após algumas repetições da cena descobrimos que sua mãe estava prestes a se casar.

3.2.3 Os corredores

Os corredores poderiam passar despercebidos como espaço escolar, porém não o são, visto que é um grande canal de encontro entre as crianças e adultos. Neles é proibido correr, mas, como são crianças, correm. Foi em um corredor que vi uma professora conversando com sua turma a respeito de uma ocorrência atribuída a uma criança.

Ao sairmos do refeitório, no corredor, uma menina reclamava que seu colega a tinha beijado na boca. A professora me usou como exemplo e disse que não podíamos beijar os amigos enquanto crianças na boca. A mesma me deu um beijo no rosto e disse que amigos beijam no rosto e que beijo na boca só depois de casar.

Sabemos que a realidade é outra, pois as mesmas vêem na TV, na rua, em casa, pessoas se beijando na boca sem terem se casado. Esta explicação, não condizente com a realidade, pode ser um contra-argumento caso a professora queira trabalhar mais o tema. Talvez o argumento mais adequado nesse caso fosse de que não podemos fazer com o (a) outro (a) algo que não seja do seu desejo. Posteriormente, ela me relatou que situações como essa são muito difíceis de lidar, pois as crianças acham normal se beijarem e ela não tem o que dizer já que os próprios pais cumprimentam os filhos com beijo na boca.

Imitar aquilo que vivem em seu cotidiano é o argumento usado pelas crianças para justificar suas atitudes quando repreendidas.

“Por exemplo, um aluno de quatro anos queria pegar as meninas e beijar na boca de língua... o que ele falava pra elas ele falou pra mim... Eu fui perguntar e ele disse “mas eu quero... eu vi minha tia Dani fazendo e ela fazia assim”. E queria beijar daquele jeito e beijar as meninas. Porque ele presenciou e queria fazer o mesmo”. Roberta, professora

3.2.4 O parque

O parque me parece o lugar de mais importante observação do comportamento das crianças, mas o que ocorre é muitas vezes o “momento de descanso” de muitos adultos.

Zenilda Francisco (2006) afirma que o parque se apresenta como um lugar de disputa, de transgressão, de resistência, de conformação, de criação, de poder, de cultura, de edificação da autonomia, e claro, espaço da brincadeira. Foi dessa forma que percebi esse espaço. As crianças se apropriavam dos espaços do parque, que é grande, e também dos brinquedos lá presentes de uma forma, muitas vezes, diferente daquilo que era esperado, transformando balanças em aeronaves, gira-gira em ônibus e alguns espaços em casinhas, com direito a mãe, pai e filhos.

Em uma das brincadeiras, ocorreu uma cena que me chamou muito a atenção. Duas meninas brincavam de mamãe e filhinha e uma delas, depois de algum tempo, olhou para a outra e perguntou “Ueh, quem vai ser meu marido?” e disse que para ser mamãe precisava de um marido. Então se aproximou de um colega e perguntou se ele poderia ser seu marido. Ao responder que sim, os dois saíram de mãos dadas. Em um determinado momento o garoto saiu de perto delas e, quando a “mamãe”, percebeu veio até mim e perguntou “Tia, você viu meu amor?” Eu lhe perguntei quem era e ela me disse o nome do garoto e que ele era seu marido. Então perguntei se eles já tinham filhos e ela disse que sim...

Uma monitora de outra sala virou-se para as demais que estavam por perto e disse que eu estava ensinando “coisa errada” para as crianças e saiu. Mas o que tem de errado naquilo que vêem no seu dia-a-dia? Essa imitação do que vivem em seu dia-a-dia muitas vezes foi vista como errada, principalmente quando se remetiam a novelas ou algumas músicas.

O faz-de-conta é um importante processo para que as crianças se desenvolvam e exige da mesma um alto grau de complexidade, de compreensão, uma vez que ao reviver situações, que de alguma forma lhe foi marcante, a criança precisa mesclar a fantasia as regras de seu cotidiano. Quando se cerceia esta manifestação é uma resposta a criança de que aquilo que ela vive pode não ser certo e essa oportunidade que tem de expressar seus sentimentos, por vezes uma necessidade, acaba sendo impedido.

Para além de trabalhar o desenvolvimento cognitivo, a imaginação, o lúdico, a criatividade, a capacidade de planejar, de seguir regras, o faz-de-conta é uma importante ferramenta para que se conheça a criança e muitas vezes mostra a realidade em que vive, expressando emoções que podem ter sido traumáticas ou não. É no faz-de-conta que seu olhar de mundo e de como encara as relações que vive pode ser percebido e quando isto começa a ter limites, imposições, regras dos adultos de até onde o faz-de-conta pode ir, o mesmo sai do plano das possibilidades, do crescimento e passa ao plano da vigilância também.

Em nenhuma das observações que presenciei foi conversado com as crianças sobre o assunto. Há coisas do mundo adulto que as crianças estão autorizadas a imitar, outra não. Entre as proibidas, estão aquelas que de alguma forma referem-se à sexualidade. Porém, é através das relações que estabelece numa situação imaginária que a criança incorpora aspectos da cultura em que vive, assim é a partir da brincadeira que ela poderá desenvolver seu comportamento reflexivo. Refletir e talvez modificar o curso das situações que recria. Vygotsky (1998) mostra a importância de valorizar o contexto em que a criança está inserida, o seu brincar, o faz-de-conta e o modo como ela demonstra isso, a fim de que assim se possa utilizar tal informação para o desenvolver pedagógico da mesma.

Furlani (2008) nos mostra a importância de aproveitarmos estas brechas, situações, para trabalhar o conceito de família, de formação da mesma, já que hoje o modelo ideal de “mamãe, papai e filhinho (a)” já não é o padrão. As crianças estão expostas a todo o momento a este tipo de questão e muitas vezes foram observadas cenas de meninos beijando meninas ou meninas o fazendo e estas então sendo repreendidas sem saber o que estava de errado naquilo que viram, descobriram ou construíram em determinado momento.

Ficou muito claro que o parque é o espaço mais querido das crianças, sentimento visto através da sua alegria e entusiasmo ao irem ao parque e nas “reclamações” ao terem que sair do mesmo. O parque também exige da professora e monitores (as) uma maior atenção, não só pelo cuidado, mas também pelas manifestações de ressignificação do espaço e de objetos pelas crianças.

Percebe-se algumas vezes que, ao mesmo tempo em que andavam pelo parque para zelar pela integridade física das crianças, os mesmos paravam para escutar o que as crianças diziam, uma vez que o parque traz para as crianças a sensação de liberdade para conversarem descontraidamente com os adultos e com as outras crianças. Acaba sendo muitas vezes o momento em que as crianças revelam com maior espontaneidade suas formas de ver, sentir e pensar o mundo.

Em outros momentos, os monitores e professora se sentam e colocam o “papo” em dia.

No parque também se explicitaram diferenças na obediência ou não para com os (as) educadores. O medo de “ficar de castigo” no horário mais legal faz com que a maioria das crianças obedeça às regras. Muitas vezes as punições, se assim pode ser chamado o “pensar no que fez”, são encaradas pelas crianças como duras penalidades. Por outro lado, tantos são os espaços onde não se pode fazer isso ou aquilo que, por vezes, fica difícil saber o que se pode ou não fazer em cada um deles.

Como no parque algumas turmas se juntam, é possível observar outras crianças. Em outro AGII, há um menino de dois anos que permanece no parque, ele fica caminhando até que, num piscar de olhos, some e sai pela escola. As monitoras da sala dizem estar cansadas de ir atrás dele e por vezes esperam alguém trazê-lo de volta. Foi relatado por uma delas que ultimamente ele não “desgruda” de outra menina. Comentou que apesar de pequeno ele é “bem safadinho”. Por isso, todas às vezes que o vê de mãos dadas com ela, fica de olho. Quando vêem que ele está “fugindo” do parque elas ignoram, mas não permitem que leve a menina com ele, então o colocam sentado para “pensar”, muitas vezes durante todo o tempo em que estão no parque. Este impedimento do movimentar-se, mesmo que para outro lugar nunca foi questionado por elas. Qual o motivo dele não querer ficar no parque? Ninguém sabe e ninguém colocou essa questão. A preocupação surgiu quando o menino pareceu com olhares lidos como “apaixonados” por uma colega.

Liane Uchôga (2007) em seu trabalho mostra como o parque muitas vezes é tratado como forma de recompensa para as crianças. Podemos assim fazer uma relação com a EF, que muitas vezes também é tratada como “recompensa” pelo comportamento. Na escola onde estagio, de Ensino Fundamental, quando um aluno não faz aquilo que lhe foi pedido, a professora o proíbe de ir para a EF. A professora de EF, por sua vez, muitas vezes não fica sabendo, somente quando algum outro aluno comenta. Desconheço se alguma atitude é tomada posteriormente.

O menino citado no exemplo, posto para sentar no parque, pode até repetir o “crime” de sair do parque, colocando posteriormente para fora seu descontentamento com a punição através de gritos e choros. Mas parece pensar duas vezes ao levar sua colega com ele.

No parque também se observa crianças se masturbando ao sentar em brinquedos como balanças, baldinhos, gira-gira e quando estão sentadas postas para “pensar” ao enfiar as mãos em suas calcinhas ou cuecas. Essa percepção exige um olhar mais atento por parte dos adultos por ser uma situação não esperada. Porém quando o percebem muitos não sabem como agir.

Furlani (2008) traz a importância de se trabalhar educação sexual com as crianças desde pequena e acerca da masturbação mostra quão importante é tratá-la de maneira positiva. Atenta que as crianças precisam entender os conceitos de nudez e privacidade e para que não pareça ser um modo de fazer “concessões” quanto aos prazeres das crianças explica que dar às crianças a noção de que certas atitudes por mais naturais que sejam devem ser feitas privativamente, não significa impedir que se conheçam. Orientá-las seria um ato educacional. Prefere tal atitude

“àquelas que, até, então, estavam presentes na escola (e ainda estão); ou seja, o completo silenciamento sobre a sexualidade infantil, a negativização de toda e qualquer expressão sexual, a ausência completa de educação sexual nos currículos escolares e o desencorajamento e a punição de qualquer curiosidade sexual por parte da criança e do (a) jovem”. p.75

3.2.5 As salas

As salas são comumente chamadas de salas de aula e assim pressupõe-se que ali coisas são ensinadas e coisas são aprendidas. Existe neste espaço figuras pressupostas como uma professora e alunos (as). É por isso que dá para se perceber que as crianças se “libertam” quando saem das salas e que ficam bem menos agitadas em outros espaços, porque esta construção histórica de que na sala um aluno deve se comportar, que terá lição para fazer, que deve ser obediente, falar baixo, etc. é aprendida desde a EI.

As salas de aula são os locais onde se apresentam as mais diversas situações, muitas espontâneas e outras influenciadas pelo “aprisionamento”. Ali há momentos em que as atividades são livres e outros em que são dirigidas. Em todas elas, por mais que haja uma abertura para escolhas por parte das crianças, há uma hierarquia a ser respeitada, onde as crianças devem fazer o que os adultos querem.

As atividades em sala são dispostas em cantinhos¹⁰. Nos cantinhos, ocorrem diferentes atividades, dentre elas, há sempre uma que é dirigida e geralmente feita na mesa com a professora ou algum (a) monitor (a).

As outras crianças brincam com brinquedos dispostos no chão. A supervisão é contínua e impede que as crianças falem muito alto, briguem, peguem algo que não devam, entre outras coisas.

Geralmente são colocados simultaneamente brinquedos tidos como femininos (bonecas, panelinhas) e outros, masculinos (carrinhos), mas não é determinado às crianças do que devem brincar. Na maioria das vezes, o que acontece é uma preferência maior das meninas pelas bonecas e dos meninos pelos carrinhos, uma ou outra criança escolhe outra coisa. Exceto nas vezes que somente um dos tipos de brinquedos é colocado e não há essa opção. Porém como já relatado no trabalho, acaba sendo uma ação natural colocar simultaneamente brinquedos que agradem ambos os sexos.

Daniela Finco (2007) atenta para a necessidade de olhar mais atentamente e perceber como

¹⁰ O desenvolvimento de atividades em cantinhos na escola partiu da pedagogia proposta por Celéstin Freinet (1991).

“as características físicas e os comportamentos esperados para os meninos e para as meninas podem ser reforçados, de forma inconsciente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia da Educação Infantil. A forma como a professora conversa com a menina, elogiando sua meiguice, ou quando justifica a atividade sem capricho do menino; o fato de pedir para uma menina a tarefa de ajudar na limpeza da sala e ao menino para carregar algo; a forma como o adulto separa um conflito, defendendo e protegendo a menina da agressividade dos meninos, tudo isso torna possível perceber como as expectativas são diferenciadas para as meninas e os meninos. O que é valorizado para a menina não é valorizado para o menino e vice-versa”. p.2

As meninas, quando brincam de bonecas, reproduzem claramente o que vivenciam. Algumas de suas atitudes são iguais as de seus responsáveis. O livro infantil “Ceci quer um bebê” (2004) exemplifica de forma bem humorada essa questão, contando a história de Ceci que deseja ter um bebê com seu amigo Max. Eles deitam-se na cama para fazer um bebê, Ceci “engravida” e tem um filho. Assustado ao ver Ceci com um bebê de verdade, Max acaba descobrindo que aquele era o irmão de sua amiga.

Na escola, certa vez, ao brincar de boneca uma menina a colocava para dormir e dizia para a boneca “fecha o olho para dormir que as outras crianças já dormiram, anda fulano (referindo-se a um colega da sala)”. Ela fez o jeito exato da monitora ao dizer para as crianças dormirem. Outra dizia para a boneca que dá próxima vez que ela fizesse xixi na cama ela iria apanhar. Assim como ouve sua mãe dizer.

Os meninos quando brincam de bonecas sendo o pai e, às vezes a mãe, eram um pouco mais “tolerantes” com seus filhos. Quando usavam a boneca como “namorada”, eram repreendidos com frases como “não é assim que brinca” ou tinham a boneca tomada da mão por um (a) dos (as) monitores (as) ou professora. Nessas situações, acabavam sendo repreendidos porque alguma menina saía correndo para contar para algum adulto que o colega estava fazendo coisa errada.

As meninas, em sua maioria, sempre escolhiam bonecas e, quando estas não eram uma opção, faziam do brinquedo, como um carrinho, seu bebê.

Na sala do AGII observada, tem um menino que só quer brincar de carrinho, mas ele sempre convida a sua “namorada” – uma colega da sala – como ele mesmo a denomina, para ir com ele. A mesma sempre aceita e também faz comidinhas nas panelinhas para ele. Os dois andam constantemente de mãos dadas, sentam-se juntos no refeitório, brincam juntos no parque¹¹.

¹¹ Este é o mesmo menino que levou à proibição do uso da gangorra, por querer sentar sempre atrás de meninas.

Não havia nenhuma intervenção até os (as) monitores (as) e professora da sala achar que estavam passando dos limites e então começaram a separá-los, principalmente na hora do sono, não os deixando dormir um do lado do outro. Mesmo dormindo longe às vezes ficavam se olhando e dando risadinhas, porém ao perceberem que estavam sendo observados, com olhares descontentes, viravam-se e fingiam estar dormindo.

É também na sala de aula que ocorre a chamada “roda da conversa” onde as crianças falam sobre suas vidas e o que quiserem. Na sala do AGII aparecem coisas como brinquedos que ganharam, lugares que passearam, mas também aparecem questões como o novo namorado da mãe, o que eles fazem etc.

“Minha mãe entrou com o Dito em casa no quarto e eu fiquei do lado de fora esperando, depois que ela terminou de namorar eu entrei e dormi com ela” Roberta, professora, citando um aluno em sua entrevista.

Geralmente quando uma criança diz algo que chama a atenção, as demais reproduzem o que ela falou. Se é algo ligado a sexualidade da criança ou dos pais, é normalmente ignorado, a menos que se ache que a criança está sofrendo algum tipo de abuso. A resposta a essa criança geralmente é um cruzamento de olhares entre os adultos e então prosseguem com a próxima criança. Porém, muitas vezes, enquanto estão dormindo ficam então especulando razões para a criança ter dito aquilo. Quando é uma questão que envolve a família da criança o assunto dava margem as mais diversas formulações. Não seria mais fácil perguntar pra criança?

Furlani (2008) fala da necessidade de conhecermos e trabalharmos com as crianças o conceito de família e as diferentes formações de famílias hoje existentes. Isso demonstra respeito pela identidade da criança e nos instiga a buscar um trabalho que possibilite à criança entender o ambiente em que vive e respeite o seu jeito de ver e lidar com as situações.

Um dia, enquanto as crianças dormiam, uma monitora disse que o comportamento de um menino, mexer constantemente na genitália, devia ser influência do avô, que julgam ser homossexual, e especulam explorar sexualmente do menino. Outra monitora disse então que isso devia ser genético, em resposta a isso outra monitora disse que não tinha nada a ver, pois a mãe do menino era adotada. E a discussão durou muito minutos. Porque então na hora que a criança toca sua genitália não é conversado com ela sobre essa atitude, esse prazer que está sentindo ao invés de repreendê-lo e criarem resposta para a situação? O problema vai além, o julgamento de o avô ser homossexual pauta-se em duas hipóteses totalmente preconceituosas. Primeiro dizem que ele usa lápis de maquiagem nos olhos

(aparentemente parece ter somente cílios grandes e escuros, o que dá a impressão de estar maquiado), segundo dizem que se ele não fosse homossexual não teria adotado uma filha. Será que passou pela cabeça das monitoras o fato de o avô ou sua mulher poderem ser estéreis? Enfim, as especulações são tamanhas e revelam não só despreparo por parte da equipe da sala em trabalhar a sexualidade infantil e o conceito de família, como também preconceitos, tabus e desrespeitos para com a criança.

Na outra sala, de AGIII, as questões ligadas à sexualidade são mais frequentes. É mais fácil entender o que querem dizer ou fazer. As crianças contam cenas que viram na novela, que viram os pais ou parentes fazendo. Nas vezes em que estive presente, a professora ficou um pouco constrangida por minha presença e evitou dar continuidade ao assunto ou dizia “olha essas crianças”... Esse constrangimento de se conversar com as crianças é idêntico ao exemplo anterior e se manifesta através de um total silenciamento.

Livros infantis que abordam o tema com imagens e linguagem adequadas a infância, tais como “Ceci quer um bebê”, “Ceci tem pipi” (ambos de Thierry Lenain 2004), Educação Sexual na Escola (Furlani, 2008), “Sexo não é Bicho-Papão” (Marcos Ribeiro, 2008) não são utilizados com as crianças. Assim como diversos outros meios de tratar o assunto¹².

Nas salas as frases são as mais variadas e inesperadas possíveis. Meninos que beijaram alguém na boca, meninas que reclamam que o colega “pegou no seu peito”, meninos ou meninas que estão namorando.

Mais a vontade, ao brincar, as crianças falam diversas coisas entre si, como um garoto que dizia a sua colega que ela era “gostosa” ou meninos que reparavam que a colega estava de sutiã. Estas questões demonstram a erotização a que as crianças são expostas¹³.

O artigo 71 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura que “a criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de desenvolvimento”. Muitas vezes, essa condição não é respeitada, trazendo esta transgressão através de músicas que exploram a sensualidade, assim como os diversos programas de TV que também o fazem. Não raro vemos na escola meninas com roupas parecidas com artistas de televisão, com tamancos plataformas que as impedem de correr, cantando músicas que aludem à relação

¹² Vide Jimena Furlani (2008)

¹³ A este respeito, vide Jane Felipe (2003).

sexual sem ao menos saber o que significam, fora os nomes que repetem como “piriguete”, “potranca”, “gostosa”, entre outros.

No AGII, com crianças mais novas, as questões aparecem, mas de uma forma mais sutil. Os meninos não agarram suas colegas ou vice-versa, não ficam tentando ver a calcinha da amiga ou a cueca do amigo, porém quando vêem ficam maravilhados. Porém o despreparo profissional evidencia-se através da professora da sala em sua entrevista

“Até o presente momento apareceram poucas questões ligadas à sexualidade. Para ser mais exata houve apenas uma situação, envolvendo uma aluna de três anos, a qual queria tocar no pênis do colega e queria que o mesmo passasse a mão em seu corpo. Neste caso, conversei com a aluna, explicando que não podia fazer isso. Mas confesso que é uma situação delicada e é muito difícil lidar com a mesma, tanto porque não há nenhum trabalho da instituição voltado a esse assunto. Fico muito em dúvida se a forma como tenho tratado a questão está correta ou não, e em caso negativo como agir nessas situações”. Juliana, professora

Todas as situações relacionadas às crianças do AGII ocorreram na sala de Juliana, como então ela afirma que ao longo do ano só houve uma situação? Isso não significa que ela não esteja a par do que esteja acontecendo, mas sim que a dificuldade em compreender a sexualidade infantil é tamanha a ponto de não entendê-la e percebê-la.

Se fossemos comparar as salas, veríamos que no AGII as crianças parecem estar fazendo descobertas e no AGIII, após as descobertas, estão querendo experimentá-las.

Diante das inúmeras falas, atitudes, observações percebe-se que os diferentes espaços existentes na escola são palcos das inquietudes das crianças quanto a sua sexualidade e também dos adultos, não só pelas dificuldades em lidar com a sexualidade infantil, mas em lidar com suas próprias sexualidades.

Sentir-se bem, sentir-se preparado, respeitar ao outro e a si mesmo, tomar decisões, aceitar dúvidas e saber que nem sempre pode saná-las é o primeiro passo para que uma política pedagógica que inclua a educação sexual das crianças possa ser feita pelos adultos da escola.

Considerações Finais

Diante dos estudos e entrevistas pude perceber que os (as) educadores (as), no íntimo de seu despreparo, tomaram para si a responsabilidade de serem “vigias” das manifestações da sexualidade das crianças. Não só o despreparo os tornou assim, mas o medo de aceitar comportamentos considerados inadequados para meninos e meninas.

O despreparado profissional aliado ao pessoal constrói um constante silenciamento do assunto sexualidade infantil no ambiente escolar.

As crianças por sua vez, insistem em transgredir as regras a elas impostas, num movimento desesperado de garantirem para si o direito de se conhecer. Conhecimento este que persiste em aflorar nos mais diversos espaços dentre da escola, pode ser enquanto a criança come, a dorme, brinca, dança ou num canto escondida.

Dentro do que foi visto e estudado entendo que os educadores da escola em questão precisam ultrapassar o conceito de detentores do conhecimento e de transmissores do mesmo. Eles precisam entender que ali na escola têm papel fundamental na construção das identidades, dos conhecimentos, dos questionamentos, da construção histórica e social de cada indivíduo. A ampliação do entendimento de suas funções é necessária para que entendam a necessidade de uma formação permanente, que vá além das técnicas e métodos ali aplicados.

Apesar de muitos dos educadores não terem curso de graduação em Pedagogia, é preciso repensar neste curso questões como esta que, segundo relatos, são pouco discutidas durante a formação. Os valores trazidos pelas crianças precisam ser respeitados, assim como dos adultos, mesclando-se entre si e construindo um trabalho responsável, saudável, de troca, deixando de lado a hierarquia arcaica a qual a escola está ainda fortificada.

Pelas relações estabelecidas na escola vê-se a necessidade de que a mesma trabalhe em conjunto com os pais, com demais profissionais que estejam neste meio, a fim de que este laço os ajude a ter uma visão de infância/criança/sexualidade que dê conta das manifestações que ocorrem no ambiente escolar e em casa. A família não pode mais ser um fantasma que impeça o trabalho escolar de acontecer.

A pesquisa mostrou a necessidade que existe de a escola fazer uma releitura de seu papel, bem como daquilo que oferece enquanto materiais didáticos, brinquedos, espaços, para que os (as) educadores (as) tenham suporte físico e material para desenvolver um trabalho sobre sexualidade que emancipe o conhecimento da criança. Logicamente que

aliado a esse suporte, o educador precisa ser preparado pelos seus superiores através de cursos de formação permanente, discussões em grupo e planejamento de projetos que discutam o assunto, para que esse deixe de ser um “fantasma” que os aterroriza e passe a algo a ser abordado desde a Educação Infantil.

Desta forma será mais fácil aceitar as diferenças presentes na escola, as informações trazidas pelas crianças, e perceber que as diferentes concepções de gênero, sexualidade, raça etc., interiorizadas pelo corpo escolar, pelos pais e crianças, podem deixar de ser um problema, fazendo com que tais diferenças não se transformem em desigualdades. Tão pouco que se transformem em barreiras para o trabalho ou mesmo em tabus a serem ignorados.

Os (as) educadores (as) aqui mostraram também a necessidade de se entenderem como mediadores das crianças, permitindo-lhes viver experiências, sonhos, desejos, não necessariamente da forma que querem, mas de forma que os mesmos possam se perceber, se descobrir, e que assim possam ajudar a construir uma escola que emancipe, que transforme, que faça a diferença e deixe de ser um refúgio para os pais, para as crianças e corpo escolar e passe a ser um local de construção de valores, de conceitos, de diferenças e de tolerância.

A sexualidade infantil precisa ser entendida e estudada para que se possa criar um leque de opções para a mesma seja também vivida. O falar, o agir, o pensar dos adultos precisa ser trabalhado através de cursos, de informação, de acesso a reflexões como as expressas neste trabalho para que entendam que a criança é formada dentre muitos outros aspectos pelas ações decorrentes de sua sexualidade. Que todos os sujeitos têm identidades sociais e históricas diretamente ligadas a sua sexualidade. E se assim é, porque não trabalhá-la, indagá-la e aceitá-la desde a Educação Infantil?

Como foi mostrado ao longo da pesquisa, até cerceia-se as manifestações sexuais das crianças, vigia-se seus atos, ignora-se sua sexualidade, transforma-se a situação num total silenciamento justificando uma constante vigilância, mas nada muda o fato de que existe e que em um momento ou outro ela vai aparecer.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Paulo Freire

Referências

- ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros curriculares Nacionais**. Revista Estudos Feministas - 2º semestre, 2001. P. 575-585.
- ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese de doutorado. PUC/RJ, Brasil, 2005.
- ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BARBOSA, Maria C. S. **Pôr amor e força: rotinas na Educação Infantil**. Campinas, São Paulo, 2000.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Volume 2. Formação pessoal e social**. Brasília: MEC, Secretaria de Ensino Fundamental, 1998
- CAMARGO, Ana Maria F. de, RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como tema transversal**. São Paulo: Moderna, Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: Dayrell, J. Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.
- FARIA, Ana L. G. e PALHARES, Marina Silveira (orgs.): **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas, SP: Autores Associados – FE - Unicamp, 1999.
- FELIPE, Jane. **Construindo identidades sexuais na Educação Infantil**. Páteo, 1999.
- FELIPE, Jane ; GUIZZO, B. S. . **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo**. Pro-Posições (Unicamp), Campinas - UNICAMP, v. 14, n. 3, p. 119-129, 2003.
- FELIPE, Jane. **Gênero e sexualidade nas pedagogias Culturais: implicações para a Educação infantil**, 1995
- FINCO, Daniela. **Brincadeira não tem sexo**. Nova Escola, São Paulo, 2007.
- FINCO, Daniela. **Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões**. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt07/gt07945int.rtf. Acesso em 09/08/2009.
- FINCO, Daniela. **Linguagens corporais de meninas e meninos na educação infantil**. In: V Seminário de Linguagens na Educação Infantil, no 16º COLE - Congresso de leitura e d Brasil: No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las, 2007, Campinas-SP.

- FRANCISO, Zenilda. F. **Zé, tá pertinho de ir pro parque? O tempo e espaço do parque em uma instituição de Educação Infantil.** Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC – Florianópolis/ SC, 2006
- FREIRE, João. B. **Educação de Corpo Inteiro.** Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997
- FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade.** São Paulo, Edart, 1978
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 29. Editora Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- FURLANI, Jimena (org). **Educação Sexual na escola – equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças.** UDESC. Florianópolis/SC, 2008
- LENAIN, Thierry. **Ceci quer um bebê.** WERNECK, Paulo (trad). Cia das letras, São Paulo, 2004
- _____. **Ceci tem pipi.** JAHN, Heloisa (trad). Cia das letras, São Paulo, 2004.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEIRELES, Gabriela S. **Infância e poder: Marcas das relações de gênero na escola.** Congresso Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008
- RAPOSO, Ana Elvira Steinbach S. **Um estudo sobre a sexualidade infantil no contexto de creche.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1999
- RIBEIRO, Marcos. **Sexo não é Bicho-Papão,** Zid Editora, 2006
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAYÃO, D. T. **Relações de gênero na creche: os homens no cuidado/educação das crianças pequenas.** In: 25ª Reunião Anual da Anped, Caxambu/MG. Manifestos, lutas e utopias, 2002
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular da Educação Básica Educação Infantil,** Campinas, 2009
- RESOLUÇÃO Nª13/ 2004.** Disponível em campinas.sp.gov.br/dom Acesso em 07/07/2009
- SIMÃO, Márcia. **Educação física na educação infantil: refletindo sobre a “hora da educação física”.** Revista Eletrônica Zero-a-Seis, Revista Eletrônica, v. 12, 2006.
- TEIXEIRA, Adla B. M., RAPOSO, Ana E. S. S. **Banheiros escolares – promotores de diferenças de gênero.** GT: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23- Anped, 2006.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, G. **O Brincar na Educação Infantil**. Cadernos de Pesquisa, 92, 62-69, 1995

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

www.monografias.br/brasilecola.com/pedagogia/a-rotina.htm Acesso em 10/08/2009.

ANEXOS

Anexo A – Diários de campo

Anexo B – Entrevistas

ANEXO A: Diários de campo

18/03/2009 – 1,5 a 3 anos

As crianças estão apresentando dificuldade em diferenciar os sexos para as ações que têm que fazer como filas ou ir ao banheiro. Apesar de nesta escola não serem feitas filas com crianças pequenas elas vão divididas para o banheiro entre meninas e meninos.

Foi proposto à professora pelos monitores da sala desenvolver atividades para estimular esta diferenciação, porém até a presente data nada foi feito.

Aparentemente a professora parece não saber lidar com essa questão. Fica constrangida de falar o nome das genitálias usando sempre palavras como “o negócio dele ou dela” e até mesmo de levar uma menina ao banheiro e ter que lhe dar papel.

A professora parece ter muita dificuldade em tratar de assuntos relacionados a sexualidade e gênero.

25/03/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje os monitores construíram junto com as crianças um menino e uma menina no papel. Como no período da tarde não há professor as atividades são feitas somente pelos monitores.

Duas crianças foram usadas como “molde” para o contorno do desenho. A partir daí as crianças iam dizendo que partes do corpo faltavam para completá-lo. Foi interessante ver que apesar de suas dificuldades com a diferenciação na prática, todas as partes foram faladas, incluindo as genitálias. “Pipi” para os meninos e “perereca” para as meninas.

Algumas crianças ainda não sabem falar, mas a atividade prendeu a atenção de todas.

Este fato me levou a lembrar de uma situação em outra escola (EMEI) onde uma das monitoras da sala proibiu as crianças de usarem essas denominações como ‘perereca’, ‘pipi’, etc e corrigia-os a todo tempo dizendo serem os nomes “pênis” e “vagina”. Ela disse que é preciso ensinar o correto agora para que no futuro eles não fiquem dizendo esses nomes “vulgares”.

01/04/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje questionados sobre estas questões que aparecem em algumas atitudes das crianças quanto à sua sexualidade os monitores da sala foram unânimes em dizer que não sabem até onde as atitudes são ‘normais’ ou não e quando teriam que conversar com os pais. Uma das monitoras é formada em pedagogia e disse não ter visto este assunto na faculdade.

01/04/2009 – 3 a 6 anos

Hoje durante a “roda da conversa” um dos alunos disse estar feliz porque agora tinha um quarto só pra ele. A professora perguntou se havia mudado de casa, pois a mesma conhecia onde ele morava e sabia que só havia um quarto. O aluno disse que seu quarto agora era na sala e que, no quarto que dividia com a mãe dormem agora ela e seu namorado.

A professora relata que constantemente este aluno tem atitudes consideradas “adultas” por parte dela, como “agarrar” as meninas e chamá-las de “gostosas”. Deduz a partir destas atitudes que a mãe deve “fazer coisas” na frente dele.

O aluno é uma criança muito inteligente, amorosa e sociável.

08/04/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje na hora em que as crianças se deitam para dormir aconteceu uma cena muito curiosa. Um aluno estava deitado sendo ninado por uma das monitoras quando este pegou sua mão e colocou sobre seu pênis, o qual estava ereto.

A monitora ficou “chocada” e começou a perguntar pra ele quem fazia isso com ele... ele nada respondeu. Diante disso inúmeras suposições começaram a serem feitas, entre elas que podia alguém estar abusando da criança em casa.

08/04/2009 – 3 a 6 anos

Hoje enquanto andava pela escola vi duas crianças de salas vizinhas conversando num canto bem escondido, onde as professoras não teriam como vê-las. Fiquei observando quanto tempo ficariam ali sem serem notadas e se passaram muitos minutos até que elas mesmas voltaram para o parque.

A menina da situação em questão já me conhecia de outra escola e veio falar comigo. Perguntei a ela o que ela conversava com seu amigo, neste momento o “amigo” chegou e

ela disse o que eu havia perguntado. Ele pareceu ficar nervoso e começou a me dizer que ela era só amiga dele e que ele estava convidando-a para ir a sua casa.

Perguntei o que eles fariam a menina então olhou para ele e riu e ele me disse que iam só brincar e que isso não era da minha conta.

Fiquei surpresa com a resposta e a expressão de bravo que fez para mim.

15/04/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje numa conversa entre monitores e professoras na hora do parque discutia-se a possibilidade ou não dos meninos brincarem com bonecas. Todos concordavam que era normal, com aquele velho discurso de que a escola tem que permitir experiências. Porém, uma das professoras ao ser indagada se compraria uma boneca pro seu filho disse: “Eu acho normal, só que eu não compraria!”. Outra professora disse que seu filho no shopping queria uma boneca e pedia insistentemente e ela comprou.

Ao longo da conversa, cheia de contradições, uma monitora disse que para não correr o risco de seu filho querer coisas cor de rosa por causa da preferência da cor por sua filha agora só comprar objetos, roupas, etc de cores “unissex” e disse que “não é porque a gente tem que respeitar os gays que vamos incentivar nossos filhos a isso”.

Pode se perceber que as crianças não ligam mesmo para isso, não tem problemas de brincar com bonecas ou carrinhos, mas todas às vezes que são oferecidos é simultâneo.

As meninas brincam com carrinhos, muitas vezes o fazem de bebês. Algumas escolhem sempre os carrinhos rosas e roxos, mas no geral brincam mesmo de carrinho, fazendo filas, empurrando-os. Os meninos também brincam com bonecas tranquilamente. Em uma das observações ao serem postos os carrinhos e as bonecas um menino pegou uma boneca e começou a niná-la.

15/04/2009 – 3 a 6 anos

Hoje um aluno da sala fez cocô na calça e a professora ficou muito nervosa com o ocorrido e disse insistentemente ao aluno de 3 anos que ele já era “grandinho” para isso.

O nervosismo se deu principalmente pelo fato de nas salas de tempo parcial não haver monitores. Quando um fato deste acontece a professora quem precisa dar banho na criança.

22/04/2009

Não houve aula.

29/04/2009 – 1,5 a 3 anos

A professora disse estar tendo problemas com um aluno. Disse que o mesmo têm tido atitudes muito “estranhas”. Pediu pra que eu o observasse. É claro que pelo fato de eu trabalhar na escola que ela fez tal pedido, pois já tivemos estagiários e sei a opinião que têm os professores e monitores quanto suas anotações e observações.

O aluno citado ultimamente tem dito que está apaixonado por uma colega de sala. Percebe-se em sua fala que ele usa palavras pra expressar este sentimento que realmente dão a aparência de serem copiadas de novelas, adultos, etc...

Hoje no parque ele estava sentado e perguntei se ele estava triste, ele me respondeu “Estou... tô com saudade da minha namorada... ela não tá vindo, ta doente!”. A menina de quem ele está falando está de atestado médico em casa, por estar com a boca machucada porque está com “sapinho”. A mãe veio a escola conversar e questionar o que havia acontecido pois não é a primeira vez que a menina tem isso. Disse que ela ‘pegou sapinho’ na escola.

Este aluno reproduz muito as falas, o jeito de falar de seu irmão adolescente que vem buscá-lo. O irmão uma vez ao buscá-lo com alguns amigos insistiu para que o mesmo se despedisse da monitora com um beijo e o menino não deu. Quando saíram pelo corredor dizia “Você é bobo de não beijar aquela tia ‘gostosa’”.

Partimos por estas e outras atitudes que suas ações são em grande parte reprodução da influência do irmão.

29/04/2009 – 3 a 6 anos

Hoje as crianças foram ao passeio no zoológico. A professora fez 2 filas, de meninos e meninas e coincidentemente havia 12 de cada. As crianças já haviam escolhido com quem iriam, porém a professora mandou que eles se sentassem em duplas, um menino e uma menina e foi assim escolhendo ao entrarem no ônibus.

Na hora em que disse isso muitas crianças começaram a dizer com quem iriam, antes que ela dissesse que iria escolher. Uma menina disse com quem iria e o menino no caso

disse: “Eu não vou com você. Eu não gosto de você. Você é gorda!”. A professora não o repreendeu por isso e prosseguiu em formar as duplas. A menina chamada de “gorda” pelo colega foi com outro menino. Apesar das escolhas as crianças não reclamaram, pois a empolgação com o passeio era maior.

06/05/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje na sala houve uma discussão sobre a presença de monitores na escola do sexo masculino. Uma das monitoras da sala disse que a escola está avisada que ela não trabalha com homem. Na outra escola que observei uma das monitoras da sala criou “regras” como a proibição do monitor de levar as meninas ao banheiro ou trocá-las.

Por serem homens, a presença dos monitores na escola chama muito a atenção dos pais e das crianças, as quais gostam muito deles. Nesta escola existem alguns monitores e pode-se perceber que todos (sem exceção) são muito queridos pelas crianças e dão mais atenção, são mais pacientes que as monitores que com eles trabalham. Um monitor de outra sala é extremamente atencioso com as crianças e participa de todas as suas atividades, porém esse “amor todo” como dito pela monitora tem “confundido a cabeça das crianças”.

Estranhamente esta monitora cheia de pré-conceitos cria diversas atividades estimulando o respeito, a cooperação e a amizade entre as crianças. Ela toma sempre o “cuidado” de não deixar os meninos que considera “perigosos” com as meninas mais “assanhadinhas”.

06/05/2009 – 3 a 6 anos

Hoje a orientadora pedagógica estava na sala e veio conversar comigo. Disse o quanto achava válido a pesquisa e relatou que na escola não há um projeto, nem mesmo discussões que vão ao encontro do tema sexualidade. Ela disse que realmente existe despreparo dos profissionais quanto a esse assunto.

13/05/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje uma aluna disse estar grávida. Ao ser questionada pela monitora como ficou grávida e por onde saem os bebês, ela relatou que os bebês nascem pela barriga e que engravidou porque sentou no colo de um colega de sala. A professora disse para ela parar de

“falar besteira” e ir brincar, ou seja, não só não conversou sobre o assunto como também ignorou a questão trazida pela criança.

13/05/2009 – 3 a 6 anos

A professora da sala falou hoje sobre as dificuldades de se dar aula para sala multietária. Questionei sobre a questão da sexualidade e ela disse que é muito difícil, pois os maiores já são mais “saidinhos”. Ela disse que nunca houve nenhum fato que precisasse intervir. Porém hoje ao sairmos do refeitório, no corredor, uma menina reclamava que seu colega a tinha beijado na boca. A professora me usou como exemplo e disse que não podíamos beijar os amigos enquanto crianças na boca. A mesma me deu um beijo no rosto e disse que amigos beijam no rosto e disse que beijo na boca só depois de casar.

20/05/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje as crianças foram ao zoológico de Americana. As crianças se divertiram muito. Alguns monitores não paravam de repetir o quanto estavam cansados, mas as crianças estavam animadas e não queriam parar.

Como o banheiro é público o monitor teve que levar todos os meninos sozinho, pois as monitoras não podiam entrar.

Após o passeio as crianças foram embora.

20/05/2009 – 3 a 6 anos

A professora deixou as crianças em atividades mais livres, apesar de ter escolhido os brinquedos que estariam nos cantinhos.

As crianças têm preferências por amigos e brinquedos. As meninas em sua maioria preferem brinquedos que lembrem os de casinha. Quase todos os cantinhos traziam brinquedos de montar e na sala não se encontram muitas bonecas, como se eles fossem “grandinhos” pra brincar de boneca.

Hoje uma aluna trouxe um batom que fez com que ela fosse o centro das atenções das amigas. Ela escolhia em quem ia passar. Uma das meninas que estavam sendo maquiadas perguntou para seus colegas meninos o que achavam e os mesmo disseram que estava linda e após isso brigavam para decidir quem seria seu namorado.

Alguns meninos pediam pra passar e a menina dizia que era “coisa de mulher”, mesmo assim passou em alguns. Quando os pais chegaram os meninos que haviam passado batom falavam ao corredor entusiasmados da experiência, porém não deu para ver ou ouvir a reação dos pais.

27/05/2009 – 1,5 a 3 anos

Hoje a professora e as monitoras pediram mais uma vez que observasse o menino que está “saidinho” demais, como descreveram. Após voltar do almoço as crianças lavam as mãos e vão dormir. Este aluno deitou no colchão ao lado do da menina por quem diz estar apaixonado. Ao se deitarem ficaram fazendo cócegas um no outro e depois a menina levantou sua blusa e pediu que ele passasse a mão em seus peitos. Realmente foi uma situação perturbadora até para mim.

Perguntei onde ela estava vendo cenas assim e ela me disse que tinha sido na novela das “índias” (referindo-se à novela global Caminho das Índias”. Ao ser indagada se sua mãe a deixava ver essa novela muitas outras crianças disseram que também assistiam.

A professora não sabia o que fazer e ao contar o acontecido para a monitora que não estava na sala disse que a aluna havia pedido para o menino passar a mão em seus “seios”, após pensar alguns segundos em como chamar o peitoral da criança.

Tal fato me lembrou de uma cena em outra escola onde ao ir para o parque uma aluna caiu na escada e disse ter machucado a vagina. Logicamente não foi esta a palavra usada e sim “perereca”. Ao relatar o caso na diretoria a professora ficou minutos constrangida antes de conseguir contar o ocorrido.

A diretora sem entender perguntou o que enfim havia acontecido e a professora disse que a aluna havia caído e machucado “o pipi”. A diretora e a vice-diretora estranharam e perguntaram para a professora que “pipi” já que meninas não o possuem. Então a professora ficou apontando “disfarçadamente” para sua genitália.

27/05/2009 – 3 a 6 anos

Hoje a professora juntou a sala com outra para que as crianças brincassem enquanto discutiam a dança que fariam na festa junina da escola que será em junho. Perguntaram para os alunos quem iria dançar para que elas soubessem mais ou menos o que fazer.

Muitas crianças não irão participar. Algumas por vergonha, outras por questões religiosas e outras simplesmente não querem.

Não houve insistência por parte das professoras que preferiram poucas para facilitar os ensaios. (Por que fazer esse tipo de pergunta? Ninguém pergunta “quer aprender matemática? A pergunta leva a não participação.)

Elas disseram precisar de um casal para dançar no meio da roda. Algumas crianças levantaram a mão, mas elas escolheram o que disseram ser um casal mais “bonitinho”.

10/06/2009 – 1,5 a 3 anos

Um aluno já há algum tempo vem dizendo estar “namorando” com uma aluna. Apesar de recriminado inúmeras vezes pela professora e monitores, hoje trouxe uma rosa de chocolate para ela por causa do dia dos namorados.

A mãe da aluna chamou uma monitora pra conversar muito preocupada com a situação, disse ter medo que aconteça alguma coisa entre eles. A monitora explicou que não havia perigo na situação e que conversaria com as crianças. Ao conversar com Marcelo disse que a mãe e o pai da menina não estavam gostando da brincadeira e era pra ele parar.

Surpreendentemente, o garoto disse que iria falar com o pai da garota para pedi-la em namoro.

A mãe do menino diz que ele faz essas coisas porque convive muito com o tio, que está sempre falando com alguma “namoradinha” na frente dele.

Há alguns dias atrás as crianças foram incentivadas a achar figuras de seu animal preferido em revistas entregues pela professora. Ao ser indagado por sua figura, o aluno em questão disse querer que recorte aquela “mulher gostosona” que achou. A monitora pediu que ele então mostrasse mulheres bonitas e feias na revista pra ela ver. Ele mostrou como bonitas apenas aquelas dentro dos padrões de beleza hoje vigentes.

A professora não tem tomado frente desta situação e as mães das duas crianças têm buscado ajuda somente com os monitores.

10/06/2009 – 3 a 6 anos

Não houve aula era reunião de pais.

17/06/2009 – 1,5 a 3 anos

As atenções voltadas há algum tempo para o comportamento de um mesmo aluno foram dispersas por uma cena vista hoje.

Um dos alunos pegou uma boneca e se deitou sobre ela beijando-a sem parar. Ao ser interrompido pela monitora com um berro perguntando o que achava que estava fazendo, disse que estar dando um beijo nela.

Ao ser questionado onde aprendeu isso, o mesmo disse que foi sua mãe que o ensinou.

Na saída das crianças a monitora conversou com a mãe dizendo que o comportamento do filho tem sido extremamente anormal e que ela deveria conversar com ele. A mãe do garoto ficou muito nervosa com tudo o que ouviu e disse não saber o que fazer. (A mãe não é escutada para ajudar a entender o que está acontecendo e encontrar uma melhor maneira de intervir. O menino é tido com “anormal” e a solução do “problema” fica depositada sobre ele. O entorno não é problematizado.)

A monitora chegou a perguntar pra mãe se esta não tinha relações sexuais na frente dele. A mãe disse que não, mas que o menino dorme no mesmo quarto que ela.

17/06/2009 – 3 a 6 anos

A professora tem usado o horário de atividade diversificada para ensaiar a música de festa junina. As crianças que não querem participar têm que ficar sentadas esperando o fim do ensaio. Um casal de alunos foi escolhido para protagonizar a música. Quando precisam dançar juntos as outras crianças começam a gritar: “namoradinhos!” e hoje o menino da dupla saiu da dança e começou a bater e ameaçar os outros alunos se não parassem de piadas.

24/06/2009 1,5 a 3 anos

Hoje a mãe do aluno da semana passada que beijava a boneca veio conversar com a professora, a qual não vê, pois a mesma só está no período da manhã, para dizer que havia conversado com ele e estava muito preocupada. A professora parecia não saber o que dizer, dizia que isso era grave e precisava ser resolvido.

Na hora da saída das crianças uma monitora conversou com a mãe do aluno e explicou a fase de descoberta de sua sexualidade e tranqüilizou-a dizendo que era normal aquelas cenas.

24/06/2009 – 3 a 6 anos

Por estarmos quase no período de férias a frequência de alunos diminuiu um pouco e esta ‘folga’ permitiu a leitura de parte do projeto pedagógico da escola.

Ao ser questionada sobre a inclusão de estudos sobre sexualidade e gênero na escola a orientadora pedagógica disse novamente que na escola não há um consenso sobre a necessidade de se incluir o tema no projeto. E que a professora que “cuida” desta questão quando aparece algum fato. Fica perceptível o despreparo de muitos participantes da escola neste assunto.

Na outra escola em que trabalhei (EMEI) a diretora da escola levou um palestrante para falar com a equipe escolar sobre sexualidade e gênero. Foi uma palestra muito conturbada com inúmeras monitoras dizendo achar “estranho” homens na escola e que esta questão de sexualidade era coisa dos pais trabalharem (entendendo sexualidade como unicamente prática sexual). Em ambas as escolas muitas propostas são recusadas devido aos paradigmas que principalmente os monitores possuem.

ANEXO B: Entrevistas

Entrevista Mauro

Sexo Masculino, 41 anos.

Cargo: Monitor de educação infantil / Agrupamento AGII

Tempo no cargo: Aproximadamente dois anos

Formação: Jornalismo, Filosofia, Pedagogia (cursando)

Fale sobre você e seu trabalho (há quanto tempo está trabalhando com crianças; qual agrupamento, qual sua formação, a importância da mesma).

Tenho uma formação muito diversificada, fiz jornalismo, especialização em economia e atualmente estou terminando o curso de licenciatura em filosofia e estou começando o curso de pedagogia. Parto da princípio que tudo que fazemos e vivemos é importante, pois é isso que em parte nos define... Posso dizer que a comunicação deve ter uma importância muito grande, pois sei que para haver comunicação a mensagem precisa ser decodificada, ou seja, na educação infantil tem que se falar numa linguagem que seja possível se comunicar com as crianças, e nisso aprendi muito. A Filosofia serviu para que eu pudesse pensar as teorias com a prática, onde estas muitas vezes eram conflitantes. O fato de estar terminando filosofia e fazendo pedagogia me despertou a vontade de trabalhar com filosofia para criança... os verdadeiros filósofos são as crianças, que sempre estão indagando as coisas... os famosos porquês, e nunca se dão por satisfeitos com as respostas que recebem... Bem e daí a iniciativa de fazer pedagogia nasceu da experiência do trabalho com educação infantil.

Fale sobre as principais dificuldades que têm encontrado para trabalhar.

Na verdade não tenho encontrado dificuldades, mas trabalhar com educação em geral é um desafio, quando se trabalha com educação infantil este desafio é maior ainda. As crianças são muito dinâmicas, enjoam rápido de uma atividade, é preciso muita dinâmica e uma diversidade de atividades, o que requer do educador muita criatividade e dinamismo o que é muito difícil. Trabalhar na educação infantil... mas é o que nos faz melhor enquanto seres humanos.

Outra questão que é importante levantar é com relação aos companheiros e companheiras de trabalho, como cada um tem uma formação, cada um tem uma visão de mundo

é natural que os conflitos apareçam... No começo do ano letivo como há um rodízio de equipes os conflitos são constantes, até brincava às vezes que a maior dificuldade no trabalho não eram com relação às crianças e sim com os adultos, mas este conflito sempre me gerava aprendizagem e tolerância.

Como é esse seu relacionamento no dia a dia com os monitores, com as crianças?

O melhor possível com os demais monitores e com as crianças muito bom... Gosto de todas e todos, embora é natural, têm alguns que a gente se identifica mais, mas de uma forma geral, a convivência era boa com todos. Com as crianças, maravilhosa, tanto que fim de semana ou feriado sinto falta das crianças...

No cotidiano aparecem questões ligadas à sexualidade? Como você lida com elas? (Faz algum trabalho específico, projeto, responde, busca conhecer, etc.)

As questões ligadas a sexualidade estão presentes o tempo todo... Creio que devido aos programas televisivos a sexualidade é despertada muito cedo nas crianças, embora elas nem compreendam o significado do que vêem e ouvem na TV e em casa. Hoje a criança entre dois e três anos de idade já está aflorada para estas questões que envolvem a sexualidade, então surgem situações onde eles escolhem os namoradinhos ou namoradinhas, a gente às vezes até faz interferências, tipo separá-los e estimular amizades com os outros. A sexualidade é algo natural, assim achamos importante a criança conhecer seu corpo, a menina saber que é diferente do menino e vice versa... a gente conta história ilustrando estas diferenças, até era desenhado um menino e uma menina para mostrar que cada um é diferente, mas sempre deixando bem entendido para as crianças, que estas diferenças eram normais... Eu sempre estimei os meninos, por exemplo, a brincar de bonecas, onde com esta brincadeira eles estavam imitando um pai cuidando do seu filho... isso a educação infantil de forma bem tímida vem avançando, pois cada vez mais cuidar dos filhos é tanto tarefa da mãe quanto do pai. E nestas brincadeiras os meninos exercitam o cuidado, o zelo com o outro e o respeito. Sem falar que teremos no amanhã homens comprometidos em cuidar de seus filhos e dividir as tarefas domésticas com as mulheres.

No geral, os profissionais que trabalham com crianças, e os pais na maioria das vezes têm resistência e são muito conservadores... os educadores quase não são orientados sobre como trabalhar com as questões da sexualidade... em dois anos tivemos na nossa unidade de

educação infantil apenas uma palestra sobre o tema e mesmo a palestra percebia pela cara e depois pelos comentários dos colegas de trabalho que este tema ainda é um tabu.

Em que espaço/momento você percebe mais estas situações? (sala, banheiro, refeitório, parque, etc.)?

Diria que tanto na sala de aula, quanto no banheiro, mas no banheiro isso é mais evidente, onde uma menina tem curiosidade de ver como é o amiguinho, e as meninas a mesma coisa, como alguns banheiros de meninas são separados, as meninas sempre queriam ir ao banheiro dos meninos para ver como era...

Como você trabalha a questão do corpo da criança? Do movimento?

A criança precisa conhecer seu corpo, pois é através do corpo que ela tem contato com o outro e conseqüentemente com o mundo. Assim sempre é ensinado para a criança a importância do seu corpo, de alimentar para ficar sadia, do respeito com seu corpo, tipo você tem que cuidar do seu corpo, respeitar o espaço do outro... e nisso o movimento está intrínseco, as crianças de uma forma geral adoram a dança, as brincadeiras que envolvem movimento, pois através do movimento elas vão tendo a dimensão do espaço e se percebem capazes de agir no mundo.

Qual a importância da Ed. Física na Ed. Infantil?

A educação física é de fundamental importância em toda vida do ser humano, mas na educação infantil ela é essencial, tanto que na educação grega, para além do bê-á-bá, da música, estava a ginástica, que era elemento importante tanto no fortalecimento do corpo quanto do espírito. Uma educação infantil que se preze pelo ser integral não pode abster-se da Educação Física. Assim todas as escolas de educação infantil deveriam ter profissionais especializados em Educação Física.

Entrevista Roberta

Sexo Feminino, 31 anos.

Cargo: Professora de Educação Infantil / Agrupamento AGIII

Tempo no cargo: 13 anos

Formação: Magistério, Pedagogia

Fale sobre você e seu trabalho (há qto tempo está trabalhando com crianças; qual agrupamento, qual sua formação, a importância da mesma).

Eu fiz Magistério aqui em Campinas mesmo, durante quatro anos no CEFAM. Quando eu terminei julgava que não precisaria de mais nada. Comecei logo em seguida a trabalhar com Educação Infantil na rede privada. Então eu percebia que tinha alguma dificuldade pra atender as expectativas dos pais e muitas vezes passava por cima das necessidades dos educandos para atender os pais que pagavam a mensalidade.

Eu demorei pra conseguir entrar na universidade porque queria universidade pública. Quando eu percebi que precisava de algo além do magistério comecei a prestar pedagogia na Unicamp e passei na terceira tentativa. Aí fiz a faculdade de pedagogia que duraram quatro anos, e continuei a dar aula. No todo já trabalho como professora há 13 anos, cinco anos na rede privada e oito anos na rede pública.

Fale sobre as principais dificuldades que têm encontrado para trabalhar.

Algumas dificuldades. Com relação à idade inicialmente eu achava que teria muita dificuldade. Porque os agrupamentos eram uma coisa diferente. Porque era uma situação diferente, nunca tinha trabalhado com varias faixas etárias. Só que quando eu comecei a trabalhar eu percebi que isso poderia colaborar muito com o trabalho.

Eu percebi que as crianças pequenas se desenvolvem muito rápido e criam uma autonomia muito legal. Porque no contato que elas têm com as crianças mais velhas elas aprendem coisas que elas só aprenderiam mais tarde, mas eu percebi que elas se desenvolvem rápido.

Além disso, as crianças mais velhas aprendem a ajudar o outro, trabalho em grupo, a cooperação. Eles gostam de colaborar... gostam de levar ao banheiro. Ajudam em alguma atividade que os pequenos não conseguem realizar.

As dificuldades que eu encontro, claro a quantidade né? Porque 30 crianças sem monitor... Se fossem oito crianças a menos já seria legal. Eu percebo quando vêm menos crianças que você consegue fazer muito mais coisas. A sala fica muito agitada quando vem 30 e você não trabalha com cada uma.

Com 30 crianças dá pra conhecer a história de cada uma?

Eu procuro conhecer, muitos eu consigo. Todas é difícil. Na roda da conversa... também não é só perguntando pra criança sobre a vida dela que você consegue ter informações. O que a criança traz no seu discurso ou que não traz... tem criança que não fala. Que não consegue se expressar... que não há dialogo em casa. Tem criança que não fala porque não quer, porque é tímida, por ser introvertida e outras que não sabem mesmo... que não têm referencial e não sabem falar. Que não conseguem, não sai...

E nessas conversas o que aparecem? Aparecem questões de sexualidade?

Muitas. Uma fala deles, muito, que sempre tem. Muito pertinente eh “*tô namorando*” ou “*não sei quem tá namorando com fulano*”. Isso tem muito. E assim... eles vêm muitas coisas em casa e eles trazem os fatos que vêm.

O que eu percebo é que eles usam até termos como transar, namorar, muitos sem saber o significado. Mas são termos que eles escutam em casa...

Em todas as faixas etárias da sala?

Não... pelo menos na minha sala são situações diferentes. Por exemplo, um aluno de 4 anos queria pegar as meninhas e beijar na boca de língua... o que ele falava pra elas ele falou pra mim... Eu fui perguntar e ele disse “*mas eu quero... eu vi minha tia Dani fazendo e ela fazia assim*”. E queria beijar daquele jeito e beijar as meninas. Porque ele presenciou e queria fazer o mesmo.

E o que você fez?

Ah eu tive... eu conversei com a mãe pra saber o que estava acontecendo. Eu já fiz trabalhos pra trabalhar com a questão do corpo, da sexualidade, mas em outra escola... Conversei com os pais, eram crianças todas de 6 anos. Disse a eles que ia trabalhar com um livro

com a questão da reprodução de uma forma mais lúdica pra criança. E foi bem legal. Mas aqui o que acontece, quando aparece este tipo de questionamento ou uma situação trazida pela criança não dá pra abafar e fingir que não existe e não dá pra fazer um escândalo... senão a criança vai pensar “Nossa, mas é uma coisa tão... que tentam manter tanto em segredo que deve ser legal” e então vai perceber muito mais.

Então quando aparece eu tento tratar da melhor maneira possível. De uma forma natural. Então assim... existe? Existe. Existe o namoro, existe o beijo, existe o deitar junto na cama porque eles falam... só que isto depois que eles forem adulto... eu tento resgatar as fases da vida. Porque agora não é uma fase pra isso, digo que vai ter uma hora que isso vai acontecer naturalmente. É isso.

E em que espaços estas questões mais aparecem? Tem alguma predominância de espaço?

Que eu tenha percebido não. Pode ser no parque porque eles se sentem mais livres. Então eles gostam de brincar de namorar. E o namorar deles inclui ficar meio que se esfregando, amassando. No refeitório de vez em quando algumas falas de “*tô namorando*”, etc. Na sala na roda da conversa eles trazem algumas expectativas, porque é uma expectativa resolver estas duvidas. Eles falam... outro dia um mesmo disse: “*Minha mãe entrou com o Dito em casa no quarto e eu fiquei do lado de fora esperando, depois que ela terminou de namorar eu entrei e dormi com ela*”.

E você acha que trabalhar com esta questão da sexualidade só quando ela aparece supre a necessidade do trabalho?

Olha, eu acho que poderia ser muito mais trabalhado. Porque por exemplo, quando você vai trabalhar com o corpo da criança a gente fala dos membros, cabeça, dedos, só que quando chega na parte genitália a gente simplesmente anuncia né? Pergunta qual o nome... eles falam vários nomes, e a gente fala o nome científico, nome usado pelos médicos, enfim..

Mas só comentando ou impondo que eles falem este nome científico?

Eu falo pra eles que é muito mais interessante eles falarem vagina e pênis do que pipi, xiriquita, periquita, pintinho, pombinha... tudo que eles falam... então eu falo o nome certo. Às vezes eles falam muitos nomes... daí quando você fala o nome certo eles falam: “*ah isso*”

não pode falar”. Eles acham errado o certo... “*vagina não pode falar porque é feio*”... então essa uma questão difícil de se trabalhar.

E quanto a Educação Física na Educação Infantil.

Eu acho muito importante. Em outra escola que eu trabalhei tinha e o professor trabalhava muito a questão do corpo da criança e de como ela podia se expressar e utilizar o corpo no espaço. Ele usava inúmeros materiais. Era uma ruptura... as crianças rolavam, deitavam, rastejavam... podiam fazer coisas que não faziam... A experiência que eu tenho era boa... mas muitas vezes era tão livre que eu achava necessário uma atividade mais dirigida. Deixa a criança escolher, mas abra um leque de possibilidades pra ela. Tão livre... daí quando tinha crianças no circuito outras faziam o que queriam... Até puxar uma criança com uma corda no pescoço (risos).

Enfim é muito interessante... e eu acho que mesmo a gente trabalhando com a questão do corpo da criança, da sexualidade, um especialista na educação infantil é primordial.

No curso de graduação de Educação Física como em muitos de Pedagogia a gente não teve um trabalho mais profundo na questão da sexualidade pra trabalharmos...

Eu também não tive nenhuma disciplina na Unicamp. As poucas vezes que tive foi como temas de trabalho, fizemos seminário. E a informação que nos temos é que é necessário trabalhar a sexualidade com naturalidade, não reagir de forma estrondosa quando a criança trazer informações de casa. Mas nada de específico. Que tenha dado um norte de como trabalhar com isso... bom é isso.

Obs: a professora precisava ir embora.

Entrevista Daniel

Sexo Masculino, 44 anos

Cargo: Diretor Educacional

Tempo no cargo: 12 anos como professor e sete como gestor.

Formação: Graduação em Educação Física e Pedagogia; Especialização em Educação Motora e Gestão Escolar.

Fale sobre você e seu trabalho (há quanto tempo está trabalhando com crianças; qual sua formação, a importância da mesma).

Bem, sou formado inicialmente em Educação Física, trabalhei durante 12 anos como professor em tal disciplina na Rede Municipal de Campinas. Minha formação como professor e minha especialização em Educação Física Escolar na Educação Motora foram de suma importância para que eu pudesse desenvolver um bom trabalho junto as crianças de primeira à quarta séries, as quais eu lecionei de 1991 até 2003.

Em 2003 assumi a direção da escola onde trabalhei três anos com Ensino Fundamental e 4 com Ensino Infantil. O curso de Pedagogia foi bastante importante para ampliar a visão de cultura infantil, principalmente no que se refere às crianças de 0 a três anos.

Fale sobre as principais dificuldades que têm encontrado para trabalhar.

Dentre as dificuldades encontramos as questões referentes a parte financeira e recursos humanos, respectivamente e também a falta de materiais adequados para todas as idades da Educação Infantil. Outra dificuldade é de formação humana e diferentes valores, de modo que alguns momentos torna-se difícil conciliar as diferentes formações, com trabalhos diferentes e uma proposta pedagógica que unifique e respeite cada setor de trabalho com suas especificidades.

Ainda no que se refere a recursos financeiros temos as instalações físicas que não condizem muitas vezes com as demandas das crianças, quando tratamos sobre autonomia da criança e Cultura Infantil. Neste sentido, encontramos a escola com tempo e espaços pedagógicos ainda passados sob a perspectiva do adulto. Em certas situações como referentes a alimentação, refeitório, higiene e banheiros, não temos estrutura para um bom atendimento.

Como é seu relacionamento no dia a dia com professores, monitores, alunos e funcionários?

Creio que tenho um bom relacionamento com todos os que formam a escola, independente da função que eles ocupam. Mas acredito que os problemas ainda se pautam nos diferentes modos de ver e olhar a escola. Neste sentido, a formação de cada um, seu histórico de vida, refletem nas ações de cada profissional e cabe a mim como gestor gerenciar a equipe, para que possamos nos dar conta de nossa demanda e entender a necessidade de superação de limites. Às vezes pessoais ou profissionais, tendo em vista que eles são interdependentes.

No cotidiano escolar aparecem questões ligadas a sexualidade da criança? Como você lida com elas? Existe um trabalho pedagógico da equipe escolar para tratar o conteúdo?

A sexualidade é algo que permeia todas as relações quer sejam com as crianças, quer com os pais, quer com os profissionais da escola. Acredito que elas devam ser tratadas com naturalidade, seriedade e com muito respeito ao outro e a si mesmo. Na escola não contamos com um projeto específico para este trabalho, mas temos discutido sempre que oportuno nas reuniões de formação continuada e reunião de planejamento e avaliação institucional.

Qual a importância de se trabalhar o corpo da criança e suas manifestações?

Na Educação Infantil o corpo é o meio pelo qual as crianças se expressam e também por meio dele elas se apropriam do mundo. Dito isto, relevo que é de grande importância nesta faixa etária a questão do corpo. As crianças experimentam assim o mundo de forma concreta.

Fale sobre a necessidade (se há) de um especialista da Educação Física na Educação Infantil.

Embora não exista na rede este profissional na Educação Infantil acredito que seja de suma importância a presença deste. Principalmente pelo fato de sua atuação pedagógica estar voltada para as questões da corporeidade.

Obs. Demorou para que conseguisse fazer essa entrevista, pois o diretor estava sempre muito ocupado. Nas últimas questões ele respondeu com um pouco de pressa.

Entrevista Laura

Sexo feminino, 58 anos

Cargo: Monitor de Educação Infantil/ Agrupamento AG II

Tempo no cargo: 20 anos

Formação: Ensino Médio

Fale sobre você e seu trabalho (há quanto tempo está trabalhando com crianças / sua formação e a importância da mesma).

Faz vinte anos que eu trabalho na prefeitura. No dia a dia o que trabalho é troca de crianças, alimentação, higiene e brincadeiras diversas. Tipo brincadeiras de roda, músicas, parque, passeios em volta da creche ou em lugares como bosque, Taquaral, zoológico. Atividades dirigidas.

Qual a diferença entre atividades livres e dirigidas?

Ah depende do dia eles pedem um brinquedo e a gente faz na medida do possível para dar o que eles querem. Às vezes a gente dá a dirigida que é aquela que a gente acha que é pro momento. A gente trabalha em cantinhos e tem gente que prefere folhear livro, outros jogos de montar, outras num cantinho com menos criança e de acordo com a necessidade da criança a gente trabalha. Tem uns que preferem ficar sozinhos.

Nestas brincadeiras, nestes cantinhos quando você observa vê alguma manifestação da criança quanto a sua sexualidade?

Às vezes acontece de alguma criança enquanto está brincando ela lembra de alguma coisa diferente que viram, daí vão pra um cantinho da sala, chama algum amiguinho pra ir com ela. Daí acontece de um beijar a boca do outro, de uma criança deitar e a outra deitar por cima, fazer gestos como se realmente fosse realidade. Outras crianças se deslocam da brincadeira e brincam de professora, outras brigam como se fosse a mãe em casa, isso acontece várias vezes.

E quando vocês vêem uma criança beijando outra ou atitudes semelhantes o que você faz?

Geralmente eu observo uma vez, duas vezes, daí na terceira vez eu chamo a criança pra conversar, explico pra ela o que significa o beijo. Que quando quiser beijar o

amiguinho tem que ser no rosto nunca na boca e que o beijo na boca é só quando ela for grande. Aí é que vai aprender como beijar na boca. Porque essas situações acontecem em todos os cantos da escola.

Em que lugares mais aparecem?

Não tem lugar específico, geralmente acontece no cantinho da sala, porque eles sabem que os adultos não estão enxergando. Aí você vai lá e vê que ela está fazendo algo diferente e quando ela se depara com você olhando ela se assunta. A impressão que a gente tem é que a criança sabe que está fazendo algo que não é correto. É uma coisa proibida. Aí ela procura sair como se nada estivesse acontecendo e fica sempre desconfiada em outro lugar. No parque também eles costumam se esconder, atrás da unidade, do tanque de areia, sempre num lugar onde você não possa vê-los.

E por que eles se escondem?

Acredito que se escondam por medo de levar alguma bronca. Porque não entendem o que estão fazendo. Às vezes eles fazem na inocência ou porque viu alguém fazendo em casa, na rua, na televisão.

Tem alguma situação que você possa citar?

Já tive crianças que chamavam o coleguinha pra ir ao banheiro e quando chegava lá mandava descer a calcinha e começava a mexer na “florzinha” da outra. Esse ano nós temos uma criança que costuma ficar sempre mais isolada chupando um dedo e mexendo no pipi com a outra mão. Quando ele vê que a gente está observando ele tira a mão rapidinho. Daí ele dá uma enrolada, mas não consegue se controlar e sempre volta a fazer a mesma coisa. Às vezes por conta deste ato não consegue nem se concentrar na atividade.

E como vocês trabalham esta atitude do menino?

A gente conversa com ele e o incentiva a pegar um brinquedo para manusear, manter a mão dele ocupada.

Vocês têm algum projeto, atividades que trabalhem as descobertas que as crianças trazem quanto ao seu corpo?

Esse ano não tem sido trabalho, começou um trabalho no começo do ano, mas depois foi deixado de lado, mas já teve ano em que trabalhamos o corpo da criança, os membros, os órgãos. Da cabeça aos pés.

E neste trabalho que faziam vocês trabalhavam a questão da sexualidade?

A gente trabalhava a diferença de menino e menina e falava pra que servia. Dizia que o menino tinha um pênis por onde fazia xixi. A menina tinha a florzinha onde ela fazia xixi. E que era diferente porque o do menino era de uma forma e da menina de outra. Um era compridinho e outro redondinho.

Você conversava sobre os diferentes nomes que eles davam para suas genitálias?

Eu acredito que para a criança não tem problema falar a forma correta. Eu acredito que isso é uma coisa que já vem de casa, pra trabalhar o nome correto precisaria trabalhar com os pais. Alguns geralmente não aceitam você ensinar os nomes corretos, mas eu acho que desde cedo você tem que ensinar o nome correto. Assim amanhã ela saberá pra que serve o órgão. Ensinar a diferenciação em tudo que fazem... nos nomes que falam, no brincar.

Como vocês trabalham o brincar para meninos e meninas?

Quanto aos brinquedos eu procuro dar brinquedos que eles possam brincar todos juntos. Tanto carrinhos como bonecas. Se o menino brincar de bonecas desde cedo no amanhã ele será pai e terá filhas para cuidar. Agora quanto a ir ao banheiro eu acho que desde cedo você deve ensiná-los a ir ao banheiro feminino e ao masculino.

Obs. A entrevistada novamente disse que precisava ir embora.

Como você a Educação Física na Educação Infantil?

Eu acho interessante pra que a criança desde cedo possa conhecer o seu próprio corpo. Para o desenvolvimento e para que tenha no futuro uma vida saudável.

Entrevista Juliana

Sexo feminino, 25 anos

Cargo: Professora de Educação Infantil/ Agrupamento AG II

Tempo no cargo: nove meses

Formação: Pedagogia

Fale sobre você e seu trabalho (há quanto tempo está trabalhando com crianças / sua formação e a importância da mesma).

Sou recém-formada em Pedagogia e iniciei este ano minha carreira como professora de Educação Infantil na rede municipal de Campinas, porém fiz vários estágios durante minha formação, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental. Considero esta profissão, embora muitas vezes desvalorizada, muito importante, pois é durante a infância que a criança constrói sua identidade e o professor tem um papel fundamental nessa construção.

Fale sobre as principais dificuldades que tem encontrado para trabalhar.

Inicialmente tive muita dificuldade em planejar atividades e direcionar meu trabalho, uma vez que na universidade temos apenas a teoria e não aprendemos o que fazer com nossos alunos em sala de aula, que atividades desenvolver com os mesmos. Temos que aprender na prática, tentando, errando e consertando. E o que foi muito difícil também, foi o fato de que cada sala tem seu próprio trabalho, não há muitas trocas de idéias entre os professores de mesmo agrupamento, sendo que cada um trabalha o tema que quiser e da forma como quiser. E em meus estágios estava acostumada a ver essas trocas, as salas seguiam mais ou menos a mesma linha de trabalho e atividades.

Como é o seu relacionamento no dia-a-dia com a equipe escolar (monitores (as), crianças e funcionários (as))?

O relacionamento com os professores é muito bom, todos foram muito receptivos, embora não haja muitas trocas de experiências, tanto porque não é disponibilizado um tempo para isso, o que sinto bastante falta.

Já com os monitores, inicialmente tive bastantes dificuldades em trabalhar com os de minha sala, sendo estes muito antigos na rede e de idade já avançada, os quais não

aceitavam novas idéias e não colaboravam nos momentos das atividades, saindo da sala e demorando muito para retornar. Porém, com bastante conversa e intervenção da direção essa situação teve uma melhora, embora ainda sinta que poderia haver mais colaboração. Há também outros monitores em minha sala, que entraram este ano na rede, com os quais o relacionamento é muito bom e trocamos bastantes idéias sobre nosso trabalho na sala.

Com os demais funcionários há um bom relacionamento também, não havendo problemas com ninguém.

Com os alunos, foi construída uma relação de afetividade e muito carinho. No início do ano, me assustei com os choros demasiados de crianças que nunca haviam freqüentado a creche, porém hoje vejo o quanto essas crianças se desenvolveram, o quanto nos apegamos às mesmas. É muito gratificante quando elas chegam trazendo flores, dando abraços e beijos. Enfim, posso dizer que há um ótimo relacionamento com meus alunos.

No cotidiano escolar aparecem questões ligadas à sexualidade infantil? Como você lida com elas? Existe um trabalho direcionado ao assunto?

Até o presente momento apareceram poucas questões ligadas à sexualidade. Para ser mais exata houve apenas uma situação, envolvendo uma aluna de três anos, a qual queria tocar no pênis do colega e queria que o mesmo passasse a mão em seu corpo. Neste caso, conversei com a aluna, explicando que não podia fazer isso. Mas confesso que é uma situação delicada e é muito difícil lidar com a mesma, tanto porque não há nenhum trabalho da instituição voltado a esse assunto. Fico muito em dúvida se a forma como tenho tratado a questão está correta ou não, e em caso negativo como agir nessas situações.

Em que espaço/ momento tais questões mais aparecem?

Essas questões aparecem principalmente no momento de dormir, pois os colchões ficam um ao lado do outro e não há uma separação entre meninas e meninos, e também no banheiro, quando meninos e meninas iam todos juntos fazer a higiene, acompanhados de adultos. Porém, agora trabalhamos a higiene separadamente com meninos e meninas, portanto não tem mais acontecido esses episódios.

Qual a importância de se trabalhar o corpo da criança e suas manifestações?

É importante para que a criança tenha um conhecimento de si, de como as partes de seu corpo funcionam e, além disso, trabalhando o corpo, trabalha-se também a identidade da criança, mostrando as semelhanças e diferenças entre os colegas.

Fale sobre a necessidade da Educação Física na Educação Infantil.

Seria muito interessante um especialista da Educação Física na Educação Infantil, para que houvessem atividades físicas direcionadas às diferentes faixas etárias das crianças de primeira e segunda infância, uma vez que a prática de atividades físicas e o trabalho corporal são primordiais para uma vida saudável. O professor de Educação Infantil, trabalha de certa forma com atividades físicas quando vai ao parque e as crianças correm, pulam e escorregam; quando trabalha com brincadeiras de roda e danças, porém o especialista de Educação Física tem formação para dar um melhor direcionamento e manter a regularidade de tais atividades, daí sua importância neste contexto.